

QUEM É O BRASILEIRO?

Antônio Ribeiro de Almeida
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: As imagens do brasileiro. Freud, Horney e Newcomb trabalharam o conceito de "ego ideal" ou "imagem idealizada". Como psicólogo social, Newcomb aplicou o conceito para explicar como os indivíduos o utilizavam para estabelecer objetivos na vida. Baseado nesses autores, A. R. de Almeida definiu o conceito de "imagem real e ideal" para interpretar o fenômeno em grupos. Ele pesquisou, a partir de 1983, um grupo de 1.610 Ss e investigou as imagens do brasileiro em cidades do Estado de São Paulo e de Minas Gerais. O resultado mostrou que a imagem real do brasileiro é muito negativa. Por outro lado, a imagem ideal é positiva e composta de traços como: honestidade, trabalho, boa educação, ordem, etc. O A. sugere que a "imagem ideal" do brasileiro é orientada pela cultura dominante dos EUA. Ele acredita que o problema da "imagem" do brasileiro está em crise e que esse problema deve ser investigado numa aproximação interdisciplinar.

Palavras-chave: Ego ideal, imagem ideal, psicologia social, caráter nacional.

Summary: The images of Brazilian. Freud, Horney and Newcomb worked on the concept of "ego ideal" and "idealized image". As a social psychologist, Newcomb has applied the concept to explain how an individual used it to establish goals in his life. Based in these authors, A. R. de Almeida has defined the concept of "real and ideal images" to interpret the phenomenon in groups. He has researched, since 1983, a sample of 1.610 Ss and investigated the images of Brazilian in cities of São Paulo and Minas Gerais. The results has become manifest that the real image of Brazilian is very negative. On the other hand, the ideal image is positive and compound of traits as: honest, worker, well educated, orderly, etc. The A. suggests that the "ideal image" of Brazilian is oriented by the dominant culture of the U.S.A. He believe that the problem of "image" of Brazilian is in a crisis and that this problem must be investigated in a interdisciplinary approach.

Key-words: Ego ideal, idealized image, social psychology, national character.

"Brasil...
Sou todos eles e
o sentimento subterrâneo
de dores criativas e fadigas
que abriram picadas
criaram bois e mulas...
e o destino"

Carlos Drummond de Andrade, *Canto Brasileiro*

I. Uma introdução aos enfoques tradicionais

Expressar as questões da busca da identidade de um povo, do caráter nacional, das características nacionais, da personalidade básica, da personalidade modal e da imagem do homem, como a nacional, é entrar numa área de estudos limítrofes entre a Filosofia, a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia e a Teologia onde estes conceitos surgiram e interagem numa interdependência real, mas pouco esclarecida. (Ver, por exemplo, Montesquieu, 1985; Ortega y Gasset, 1967; Toynbee, 1974; Fromm, 1941; Klineberg, 1963; Kardiner, 1948; Linton, Du Bois e West, 1945; Lévy Strauss, 1981; Erickson, 1968; Montero, 1968; Horney, 1945 e Lima Vaz, 1991.)

Esta busca pode ser desdobrada num grande número de questões. Colocarei apenas algumas que tentarei responder: a) Quem é o brasileiro? b) Como se forma, na consciência de uma pessoa, a identidade nacional? e c) Existem, na intelectualidade, resistências ao estudo da identidade nacional?

Quem é o Brasileiro ?

A questão "quem é o brasileiro?" é uma questão radical, e sua origem é filosófica. Na Psicologia, ela teria, no máximo, acolhida numa Psicologia da Compreensão, como a postulada por Spranger (1976), que admitia a existência de tipos ideais. Esta limitação não impediu, no entanto, que Adorno esboçasse uma questão semelhante, em 1965, num artigo publicado na revista *Liberal* e que recebeu o título de "Que es alemán?". Como nos ensinam os fenomenólogos, é preciso acercar-se da pergunta e examiná-la mais de perto. Assim, a palavra "brasileiro" tem uma história recente na nossa língua. O adjetivo "brasileiro" foi dicionarizado por Moraes, segundo Cunha (Ver *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1982), somente por volta de 1833. É possível, contudo, que ele tenha sido usado bem antes no meio do povo com outros adjetivos concorrentes antes de se fixar definitivamente como norma culta. Curioso é registrar os significados de algumas palavras derivadas de "brasileiro". Moraes, 1950, indica os seguintes: Brasileiresco: grandioso, principesco.

Camilo, nos seu *Ecos Humorísticos*, escreve "... era um romântico cheio de Julietas e projetos brasileirescos".

Brasileirice: este substantivo quer dizer estado do que é lânguido, dengueice. Novamente é Camilo quem o aplica no seu livro *A Corja*, ao escrever "brasileirices inflamatórias".

A psicologia dessas palavras pode refletir uma visão do nosso caráter transmitida, em Portugal, pelos "brasileiros", isto é, pelos portugueses que voltavam ricos à terra. Outra possível fonte para explicar estas conotações psicológicas é originária de viajantes ilustres, como Jean-Baptiste Debret (Ver sua *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, especialmente as pp. 162-163) ou Thomas Ewbank na sua *Vida no Brasil*. Esses autores consideram "brasileiro" apenas o homem branco, e a descrição que fazem do caráter do mulato, do negro e do indígena é muito negativa. Sem dúvida é a percepção de uma elite.

A pergunta “quem é...” se volta para o brasileiro em geral, e não para o singular. Ela incorpora todas as experiências que os brasileiros têm uns para com os outros e os ultrapassa num movimento que lembra o dialético. É uma pergunta histórica que será sempre feita e refeita, que pela sua natureza social tem uma dinâmica própria muito diferente dos conceitos singulares. Se alguém, por exemplo, pergunta “quem é o escritor?” e obtém a resposta “Eça de Queiroz”, não perguntará mais. Conceitos de natureza social como “brasileiro, judeu, americano, russo, italiano, japonês” suportam sempre novas perguntas e uma mesma pessoa pode dar respostas diferentes de acordo com diferentes fases de sua vida. Assim, por exemplo, o conceito que tenho hoje de “judeu” não é o mesmo que possuía quando era criança. Adorno alerta para o perigo que esta pergunta “quem é...” pode hipostasiar uma essência coletiva e conduzir a uma consciência coisificadora. Se isto acontecer, caímos nos preconceitos e estereótipos. Pode surgir daí a crítica que pesquisas referentes a nacionalidades, raças, sexos e religiões são pesquisas com pouca ou quase nenhuma validade. Somente na década de 80 é que foi revista essa perspectiva e passou a se acreditar que essas pesquisas contêm um “kernel of truth” e merecem ser realizadas se amparadas numa metodologia segura.

Adorno já pensava assim, embora usasse um método de investigação (o fenomenológico) que não tem acolhida nas ciências positivas. Ele examinou a história da sua consciência em função da experiência de viver nos Estados Unidos, por causa da guerra, o que aguçou, certamente, a problemática da identidade nacional. Este é um fato muito curioso e comum. Muitos brasileiros, quando vivem no exterior, passam a ser mais “brasileiros” do que pensavam ser. Voltando a Adorno, observa-se que seu artigo foi escrito logo após seu retorno à Alemanha. Ele experimenta um grande prazer no seu reencontro com a língua alemã e escreve que ela “...possui uma notória afinidade eletiva com a Filosofia... e que se torna apta para expressar a respeito dos fenômenos algo que não se esgota na sua positividade ou caráter de dado” (p. 104).

É ainda muito significativa a descrição que Adorno faz da seriedade alemã, suscitada pelo “pathos” do Absoluto e que explicaria o aparecimento de um Adolf Hitler. Já o “pathos” italiano tomaria a forma, no fascismo, de uma opereta bufa. Adorno não fecha a questão “Qué es alemán?” e finaliza seu artigo de uma forma algo romântica ao escrever: “...aprendemos o sentido que, todavia, pode afirmar o conceito alemão: o passo para a humanidade” (p. 106).

Se Adorno fez a pergunta e ofereceu uma série de respostas, por que não se pode também fazê-la para o “brasileiro”? Para mim é desejável e possível a formulação da pergunta “quem é o brasileiro?”, tanto no nível da consciência fenomenológica como no de uma pesquisa experimental que permita o estabelecimento de uma objetividade ainda que situada historicamente. Isto implica, necessariamente, que cada geração faça a mesma pergunta. Não há como escapar deste trabalho de Sísifo.

Identidade do brasileiro e formação deste conceito na consciência

A segunda questão diz respeito à identidade do brasileiro e sua formação na consciência. Basta, talvez, apontar o problema da consciência como um dos mais complexos

e extensos, seja na literatura psicológica e/ou filosófica. Destaco alguns momentos deste problema: há, primeiro, toda uma versão metafísica com Santo Agostinho que, muito antes de René Descartes, apresenta o “cogito” (vide *De Trinitate*, X, 10-14) como fundamento da existência. Posteriormente, com Descartes, e mais especialmente no *Discurso sobre o Método*, a consciência fundamentaria a existência no famoso princípio “Cogito ergo sum”.

Na Psicologia, o conceito ganharia nova formulação com F. Brentano que, segundo Penna (1978), define a consciência pela intencionalidade, isto é, pela referência ou relação a um objeto, seja ele mental, imanente ou intencional. Com o Pragmatismo de William James e o Behaviorismo de Watson, os estudos sobre a consciência foram substituídos pelos estudos mais objetivos do comportamento. Na década de 30, com E. C. Tolman, o estudo da consciência é ressituaado na sua importância, pois, segundo ele, trata-se da “... realidade mais real que temos e podemos desejar” (ver *Dicionário de Psicologia* de Arnold, W. et alii, vol. 1). A Psicologia permanece dividida em torno do problema da consciência. Skinner, no seu *Verbal Behavior*, a iguala ao superego de Freud, e, para ele, é essencialmente verbal, é aquela “still small voice” (p. 444, VB).

A Psicanálise sempre deu extrema importância ao estudo da consciência. Freud, ao longo da sua obra, desde o *Projeto de uma Psicologia* (1895) até o *Ego e o Id* (1923) discute a função da consciência, seja na formação do caráter, seja nas neuroses e na técnica terapêutica. A consciência tem, em Freud, um papel extremamente importante no processo de “identificação”, pois é ela que torna possível a alguém se reconhecer como pertencente a determinada categoria de pessoas, como, por exemplo: brasileiro, paulista, psicólogo social, católico, professor universitário, etc. E esta pertinência traz consequências, como ilustra Ernest Jones na sua *Vida e Obra de S. Freud*: “Ele se sentia judeu até o mais profundo do seu ser, e isto, evidentemente, significou muito para ele. Tinha uma sensibilidade exagerada, comum aos judeus, ao menor indício de anti-semitismo e teve poucos amigos que não fossem judeus” (E. Jones, vol. I, p. 33).

Freud se chama “judeu” numa carta muito linda que escreveu a Oskar Pfister e na qual pergunta por que tiveram de esperar que um judeu completamente ateu fizesse aquelas descobertas.

Noutra carta dirigida a Abraham esclarece como via a questão de trabalhar com outras pessoas: “Creio que nós, judeus, se quisermos cooperar de alguma forma com outras pessoas, temos de desenvolver uma pequena dose de masoquismo e estar dispostos a suportar certo grau de injustiça. Não existe outra maneira de cooperar e trabalhar juntos. Pode você estar certo de que se eu me chamasse Oberhuber, minhas novas idéias, apesar de todos estes fatores, teriam encontrado muito menos resistência” (Carta de 23 de agosto de 1908, *apud* Jones, vol. II, p. 215).

Posso concluir, a partir destes exemplos, que Freud valorizava sua identidade judaica, e isto influenciou sua obra como ainda fez com que mantivesse a solidariedade ao seu povo até o fim da vida. O estudo da formação da consciência e da identidade nacional tem, portanto, na Psicanálise, uma teoria que oferece princípios e “insights”, que merecem ser considerados.

A Psicologia do Materialismo Dialético muito contribuiu para os estudos sobre as bases materiais e históricas sobre as quais se forma uma consciência muito especial: a consciência de classe. Nesta direção vão os estudos dos psicólogos russos L. S. Vygotsky e Alexander E. Luria (1984, 1977). Não existe, contudo, nos seus escritos a menor preocupação com o papel da consciência na formação da identidade nacional. O marxismo sempre valorizou os estudos que esclarecessem a identidade de classe. Ortiz (1985) escreve que: "...o marxismo clássico demonstrou pouco interesse no estudo da problemática que estamos considerando (identidade nacional)" (p. 128). A razão disto reside, talvez, no fato de que conceitos como nação, patriotismo, etnias são insuficientes e/ou obscurecem, no marxismo, o conflito de classes. A problemática nacional é rejeitada por Marx no texto *A Propos du Système National d'Economie Politique de Friederich List* (Oeuvres, III, Gallimard, 1982), quando escreve: "A nacionalidade do trabalhador não é francesa, inglesa, alemã, ela é o trabalho, a escravidão livre, o tráfico de si mesmo. Seu governo não é francês, inglês ou alemão, é o capital. O ar que ele respira não é o ar francês, inglês ou alemão, é o ar das fábricas" (p. 1435).

Segundo Ortiz (1985), a questão da identidade nacional foi valorizada apenas por Gramsci na sua obra *Cadernos do Cárcere*. G. Lukács também sente esta grande lacuna no pensamento marxista e escreveu que foi "...uma infelicidade, para a teoria como para a práxis do proletariado, que a obra principal de Marx tenha se detido justamente no momento em que ele aborda a determinação das classe".

Outro crítico severo deste ponto cego do pensamento marxista é o grande historiador inglês A. Toynbee (1974), que não considera as lealdades internacionais de classe mais poderosas do que a identidade nacional. Finalmente, os acontecimentos de agosto de 1991 na União Soviética vieram demonstrar que a ideologia marxista não foi suficiente para manter unidas as repúblicas soviéticas que declararam independência política e repudiaram o comunismo. As diferenças nacionais tiveram um papel fundamental na desagregação do império soviético, construído a ferro e fogo pelo ditador Josef Stalin na década de 40. Exemplo histórico mais contundente da relevância da identidade nacional não pode existir.

Uma questão que cabe mencionar, ainda que de passagem, é a de como uma pessoa constrói sua identidade nacional. É de se supor que ela se estabeleça na consciência muito cedo e junto com a identidade individual. Ao mesmo tempo que um sujeito aprende seu nome, sua pertinência a uma família; ele aprende, provavelmente, que é "paulista e brasileiro". Essa aprendizagem vem por intermédio da linguagem, da cultura nacional com seus símbolos pátrios, sua história, etc. Esses dados que compõem a identidade nacional chegam à consciência muito antes dos dados que formarão uma consciência de classe. Observe-se, por outro lado, que a consciência de classe é mutável com a ascensão social do sujeito. Já a consciência nacional é construída sobre certos valores que têm continuidade no espaço e no tempo e cuja transformação é muito lenta em relação aos que compõem a identidade de classe.

Outra pergunta pertinente se volta para as instituições que respondem pela construção da identidade nacional. Do meu ponto de vista, ocorre uma disputa das instituições que possuem diferentes modelos do homem. Elas são o Estado, a Igreja e a

Família vivendo diferentes momentos de uma civilização, no nosso caso, a civilização ocidental-cristã. Parece existir em determinados momentos históricos um equilíbrio destas instituições na formação do homem, e, nestes casos teríamos um modelo de homem que, embora mantendo suas características nacionais, seria o típico representante de uma época. Assim, uma maneira possível de compreender o brasileiro ao longo da sua existência de 500 anos é estudar, profundamente, as duas instituições principais: o Estado e a Igreja. Mas como o brasileiro é uma continuação, nos trópicos, da civilização lusitana, é preciso que este estudo se estenda ao Estado português. Se o brasileiro de hoje é percebido como “autoritário” ou dotado de uma “inteligência prática”, cabe investigar, de um lado o Estado português desde suas origens, e, doutro, a miscigenação que deu origem ao português, seu destino geográfico para tentar compreender por que ele desenvolveu uma inteligência voltada para o lado “prático” da realidade. São algumas pistas que podem ser seguidas. Schwartzmann (1982) é um dos poucos estudiosos brasileiros que se preocupa com este enfoque, e, particularmente, o problema do autoritarismo. A literatura portuguesa pode também ter influenciado a passagem de certos traços psicossociais do português para o brasileiro. Camões, por exemplo, se insurge contra o sentimento de inferioridade que experimentava, já na sua época, o povo português quando comparado a outros povos:

“Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,
possam dizer que são para mandados
mais que para mandar, os Portugueses” (*Os Lusíadas*, Canto X, 152).

Eis aí uma interessante linha de pesquisa a ser desenvolvida por uma Psicologia da História: os anos de formação de Portugal e sua influência sobre o Brasil, estudando-se como e até que ponto os portugueses nos passaram seus problemas de autoritarismo, sentimento de inferioridade e beletrismo.

No Brasil, temos tido bons estudos sobre a questão da identidade nacional por parte de sociólogos, filósofos, ensaístas e escritores. Cito, por exemplo, o pouco conhecido e menos divulgado livro de Álvaro Vieira Pinto, *Consciência e Realidade Nacional*, de 1960, marco dos estudos isebianos, e que permanece uma obra de leitura obrigatória para a compreensão do brasileiro. Se os políticos o aplicassem, cometeriam, provavelmente, menos erro no governo.

Macunaíma, de Mário de Andrade, é outra obra clássica nesta área de estudos. Ela suporta, do meu ponto de vista, várias “leituras”. Uma das possíveis leituras seria a psicossocial, que não foi feita. Tentou Mário de Andrade retratar o brasileiro no seu herói sem nenhum caráter? A discussão é antiga e vem da época em que o escritor era vivo e negou este objetivo. Pergunto se naquela rapsódia não tentou o escritor paulista nos admoestar justamente contra o anti-herói que não podemos ser? Macunaíma é malandro, preguiçoso, ansioso de se livrar da sua negritude, promíscuo e sem determinação. Seu fim é trágico, pois é vencido pela Natureza — a saúva — e foi “banzar solitário no campo vasto do céu”.

Acredito, finalmente, que ficou demonstrado que o estudo da identidade nacional é fundamental para o brasileiro nesta época crítica da sua História. Agora, ele pode ser feito sem os riscos que acompanhavam o Nacionalismo na década de 30.

A História, por outro lado, tem demonstrado a importância da identidade nacional na sobrevivência de uma nação, mesmo que ela não disponha de um território seu. O povo judeu foi um bom exemplo disto por muitos séculos, e, atualmente, os palestinos e os molokones. A busca de uma “forma” brasileira de ver o mundo, de comportar-se, de teorizar sobre os problemas institucionais e sociais e de buscar soluções originais é fundamental se quisermos possuir, como escreveu Ortega y Gasset, uma nova “forma” de vida que seja distinta da americana, da francesa, da inglesa e de outros povos. Somente a conquista desta originalidade é que nos assegurará, a longo prazo, um lugar de destaque entre as nações. Situada a questão dentro de várias perspectivas, cabe, agora, discutir os conceitos básicos desta área de estudo.

Conceitos básicos

Nesta segunda parte deter-me-ei na discussão dos conceitos de caráter nacional, características nacionais, personalidade básica, personalidade modal e identidade nacional. O conceito de imagem social será discutido no subtítulo II.

Caráter nacional

Inicialmente, é relevante registrar que os psicólogos modernos preferem usar o conceito de “personalidade” ao invés de caráter, pois ele teria um comprometimento menor com a ética e seria mais “científico”. Caráter é um dos conceitos mais antigos das ciências humanas. Já o filósofo grego Heráclito de Éfeso (480 a.C.) o teria usado num fragmento clássico: “O caráter do homem é o seu destino”. O conceito surge, portanto, num esforço de se conhecer o homem singular e o que responderia pelos seus comportamentos. Durante a antiguidade, e até hoje, foram apresentadas várias explicações sobre o que responderia pelo caráter do homem. Para alguns seriam os astros; para outros seriam as gunas, a bîlis, o sangue, o meio ambiente, a família, etc. Sob estas diversas “explicações”, vemos o determinismo se repetindo de várias formas. A noção de um homem que não seria unicamente predeterminado por agentes externos ou internos seria defendida apenas pelo Cristianismo, sem que ele desconhecasse as influências destes condicionamentos. Lembre-se que o livre arbítrio é uma conquista puramente cristã acrescentada ao modelo do Homem.

O conceito de caráter dominou amplamente a Psicologia européia até inícios do século XX na constante busca das relações entre constituição e caráter. E. Krestchmer, psiquiatra alemão, autor do “best-seller” *Constituição e Caráter*, influenciou bastante a psiquiatria brasileira até a II Guerra Mundial. Marcaram época também as escolas constitucionais de Viola e Pende (Itália), Sigurd e MacAuliffe (França) e as tipologias de Freud e Jung (Alemanha, Áustria, Inglaterra). Os americanos tiveram em Sheldon e Stevens os maiores expoentes desta escola. Nestas teorias o conceito de caráter é sinônimo de tipo, temperamento.

Quando começou a aplicação do conceito de caráter, não mais ao tipo singular, mas ao tipo geral do homem que seria formado nas diferentes nações? Leite (1954) aponta o filósofo alemão J. G. Herder (1744-1803) como sendo o formalizador da teoria do caráter nacional. Mas Herder é apresentado de uma forma tão sumária que o seu

sistema, muito complexo e rico, fica esvaziado. Sobre Herder é oportuno registrar que, ao contrário das previsões de Leite, ele foi reconduzido à ordem do dia, na França, com o provocante livro de Alain Finkielkraut, *La Défaite de la Pensée* (1987). Naquela obra, o discutido filósofo francês escreve que "...este conceito de gênio nacional — não caráter como traduziu Leite — faz dobrar os sinos da cultura universalista das luzes", e que ele se desdobra, até hoje, com implicações jamais pensadas. Se Finkielkraut está correto em sua interpretação, assistiremos, neste final de século, a um retorno aos estudos sobre identidade nacional. A implosão da URSS, em agosto de 1991, com a independência de muitas repúblicas que a compunham, poderá devolver à ordem do dia os estudos sobre os mecanismos psicossociológicos responsáveis pela identidade daqueles povos. Observe-se que eles resistiram silenciosamente à violenta pressão que foi desencadeada pela ideologia comunista por mais de meio século. Estas mudanças ocorreram, por outro lado, com tal velocidade que os sociólogos e historiadores precisarão de muitos anos para compreender o que realmente aconteceu. A liberdade de culto, por exemplo, e a volta da ação da Igreja Católica na Rússia faz parte destas mudanças. Hoje, Pio XII poderia responder ao ditador Josef Stalin quantas divisões de Exército tem a Igreja.

Montesquieu, no seu clássico *Do Espírito das Leis*, de 1748, faz também uma teoria do caráter nacional. Ver, neste sentido, especialmente os livros 19 (capítulos 10, 14 e 27) e 21 (capítulos 12 e 14) da obra citada. Mas já que se discutiu tanto o conceito de "caráter", é hora de se esboçar uma definição do mesmo. O problema que se nos apresenta é onde encontrar uma definição que integre o adjetivo "nacional". Vejamos uma definição: "Caráter é uma qualidade, traço ou soma de traços, atributos ou características que servem para indicar a natureza essencial de uma pessoa ou coisa" (*Dictionary of Sociology*, p. 37, Ed. Littlefield, Adamis & Co, 1959).

E onde entra, nesta definição, o complemento "nacional"? Na minha pesquisa e na leitura de Leite não encontrei, como em outros autores, uma definição de caráter nacional, embora o conceito seja discutido e criticado. Penso, contudo, que é necessário compreender o conceito na sua forma tradicional para avançar na crítica. Do meu ponto de vista, quem melhor o compreendeu foi Abraham Monk, que discute a relação de caráter individual com o nacional. Para ele, o caráter nacional se atém ao progresso da socialização e transmissão de valores dentro de um espaço geográfico ou "geocomportamental". Viria daí a particularização dos grupos sociais que denominamos de "brasileiros, italianos, russos, etc.". Mas o próprio Monk formaliza três críticas ao conceito que não foram respondidas até hoje. São as seguintes: Quais são as relações precisas entre o caráter nacional e o caráter individual? Pode-se delimitar fisicamente o âmbito no qual tem validade um caráter nacional? Como se podem separar certas modificações variáveis — economia, tecnologia, política, comunicações culturais, deslocamentos de população — do que é estritamente "nacional" no caráter nacional?

Características nacionais

Finalmente, qual a relação que existe entre o caráter nacional e as características nacionais? Otto Klineberg (1963, vol. II) justifica a introdução deste último conceito

porque ele não tem conotação moral. É mais neutro e mais extenso. Ele busca não apenas uma enumeração de traços característicos dos povos, mas compreender como eles se organizam e se integram numa estrutura unificada. Infelizmente, Klineberg não continuou nesta linha de pesquisa e seu conceito esgotou-se em poucas publicações sem cumprir o que prometia.

Personalidade básica e personalidade modal

Os conceitos de personalidade básica e personalidade modal foram introduzidos na literatura por Kardiner e La Barre. Kardiner e outros (1945) foram pioneiros na aplicação da psicanálise na Sociologia e Antropologia e elaboraram o conceito de personalidade básica para justificar comportamentos e sentimentos comuns compartilhados por pessoas que vivem numa mesma cultura. Esta personalidade de base responde pela introjeção de traços específicos de cada cultura. Assim ele exemplifica que na ilha de Alore (Indonésia), a desconfiança é um traço permanente e compõe a personalidade básica dos habitantes, se refletindo, contudo, de formas diferentes. De acordo com Kardiner, a personalidade básica fundamenta-se em quatro princípios:

- As primeiras experiências do indivíduo exercem efeito durável sobre a personalidade;
- As experiências semelhantes tendem a produzir configurações de personalidade semelhantes nos indivíduos que estão submetidos às mesmas;
- As práticas de educação das crianças se conformam a esquemas culturais e tendem a ser semelhantes, ainda que elas não sejam jamais idênticas nas diferentes famílias no seio da sociedade;
- A maneira de criar as crianças difere de uma sociedade para outra. As experiências são muito diferentes nas sociedades, de maneira que as normas de personalidade diferem igualmente.

Finalmente, para Kardiner a formação da personalidade básica, típica de um sujeito pertencente a uma cultura, é feita em função das instituições primárias (família, forma de alimentação, desmame, etc.) e instituições secundárias (religião, folclore, técnicas de pensamento, etc.). Dadas estas explicações, pode-se, agora, apresentar a conceituação de personalidade básica de acordo com Dufrenne (1959): "... é uma configuração psicológica particular, própria dos membros de dada sociedade e que se manifesta num certo estilo de vida sobre o qual os indivíduos constroem suas variantes singulares. O conjunto de traços que compõem esta configuração, por exemplo, certa agressividade unida a certas crenças, a certa desconfiança diante do outro, merece ser chamada personalidade básica, não porque constitua exatamente uma personalidade, mas porque constitui a base da personalidade para os membros do grupo, a matriz na qual se desenvolvem os traços do caráter" (Dufrenne, p. 115).

Desta forma, o conceito de "caráter" reaparece dentro do constructo de personalidade básica. É ele que identifica os grupos nacionais e faz com que os brasileiros sejam brasileiros. Embora o conceito pareça promissor, não registrei outras pesquisas além das que foram realizadas por estes autores.

O conceito de personalidade modal não tem, na Psicologia Social, uma história tão expressiva quanto os anteriores. McDavid e Harari (1974, p. 137) indicam os antropólogos de La Barre e Inkeles, Hanfman & Baier como seus autores. Para eles, a personalidade modal será aquela que ocorre com mais frequência numa cultura. O conceito vem da estatística e “moda”, como sabemos, é aquela medida ou resultado que ocorre com frequência maior. O conceito é descritivo e permitiria apenas que, se um sujeito (um brasileiro) é retirado ao acaso de uma amostra de brasileiros, existe uma grande probabilidade de que ele confirmará, sob muitos aspectos do seu comportamento, um quadro descritivo, modal, um membro típico da nossa sociedade.

Identidade nacional

A literatura sobre identidade nacional não é das maiores em nosso país. O tema foi trabalhado nas décadas de 50 e 60 pelo grupo de pensadores do ISEB — Instituto Superior de Estudos Brasileiros — ou mais particularmente por Roland Corbisier e Álvaro Vieira Pinto. As últimas publicações que li sobre esta temática, ainda que variando quanto ao conteúdo e profundidade, foram o texto de Carlos Guilherme Mota, *Ideologia da Cultura Brasileira*, de 1977, e, em 1984, os textos de Roberto Gomes, *Crítica da Razão Tupiniquim* e os *Momentos de Minas*, uma deliciosa seleção de textos de vários autores sobre o caráter do mineiro, realizada por Ângelo Prazeres, e apoiada por excelente material fotográfico. Na Venezuela, encontrei o trabalhado texto de Maritza Montero, *Ideología, Alienación y Identidad Nacional*, também publicado em 1984.

Estes autores, a partir de orientações teóricas diferentes, enfocam o problema diversamente. Para Corbisier, a busca da identidade nacional é uma falsa questão, já que é muito mais importante perguntar “quem” é o artífice desta identidade e a que interesse ela serve. Para mim o problema permanecerá sempre, mesmo que se responda à questão de Corbisier. Cada época histórica revela, do meu ponto de vista, o peso maior ou menor de uma dada instituição influenciando na formação da identidade. Como negar, por exemplo, que durante a Idade Média a identidade do cristão era modelada pela Igreja, e, que hoje esta identidade já não recebe tanta influência da Igreja?

Renato Ortiz já duvida da possibilidade de se definir a identidade nacional e concorda com Lévi-Strauss (1977) que “... la identidad es una especie de fondo virtual al cual nos es indispensable referirnos para explicar cierto número de cosas, pero sin que tenga jamás una existencia real” (p. 369).

Fundamentado numa respeitável bibliografia, o gaúcho Roberto Gomes escreveu muito sobre o brasileiro na sua *Crítica da Razão Tupiniquim*, e alguns dos seus traços e comportamentos que o identificam. É possível reconhecer no texto a influência de Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e outros clássicos. Ele dedica três capítulos a problemas que são sempre abordados quando se fala da identidade do brasileiro: o problema do “jeitinho”, da concórdia e do ecletismo. Mas o autor fica entre fazer um livro sério, escolar e um texto mais livre, descompromissado e irônico. Apesar disso, merece ser lido para se compreender melhor o brasileiro.

Corbisier (1958) tem uma posição mais simpática às tentativas de se discutir a identidade nacional em termos de caráter do brasileiro. Revê as tentativas de Holanda com a “cordialidade”; Paulo Prado com a “tristeza” e Cassiano Ricardo com a “bondade”. Para ele são buscas de estrutura fásica e sujeita, portanto, a modificações. É nesta perspectiva que modestamente me coloco no meu esforço de teorização e pesquisa experimental.

O pensamento de Maritza Montero, fundado numa visão marxista e na psicologia social experimental, é eminentemente crítico e tem, neste sentido, aproximações com a tese de Dante Moreira Leite. Mas ela é mais experimental que o psicólogo social paulista e chega, inclusive, a formular uma definição para o conceito de identidade nacional que aqui transcrevo: “...identidade nacional é um conjunto de significações relativamente permanentes através do tempo que permitem aos membros de um grupo social que compartilham uma história e um território comum, assim como outros elementos socioculturais, tais como a linguagem, uma religião, costumes e instituições sociais reconhecerem-se como relacionados uns com os outros biograficamente” (p. 76). Esta definição tem, sobre as que foram apresentadas anteriormente, uma série de vantagens. Ela é suficientemente ampla para incorporar o aspecto histórico do homem com a variedade do seu comportamento dentro das instituições, num espaço geográfico, lingüístico, etc. Ela apresenta, contudo, algumas limitações para a pesquisa que desenvolvi sobre a imagem ideal do brasileiro. Por isto, na segunda parte deste trabalho, elaborei uma definição de imagem nacional.

A identidade do brasileiro segundo um poeta: um estudo de caso

A esta altura do texto, acredito ser possível tentar estudar a identidade do brasileiro nas diversas fases da vida de um poeta. A apreciação será sumária e uma maior elaboração poderia motivar, provavelmente, uma tese de mestrado. Fica, portanto, minha sugestão. Carlos Drummond de Andrade considera a temática do brasileiro em três momentos: pela primeira vez em *Alguma Poesia* (1930), onde aparece o famoso “Também já fui brasileiro”, depois no poema “Hino Nacional” que aparece no livro *Brejo das Almas* (1934), e, por último em “Canto Brasileiro” de 1973, que aparece no livro *As Impurezas do Branco*. Também naquele ano o poeta dedicaria especial atenção à sua identidade “mineira” com o “Canto Mineral” e “A Palavra de Minas”, que termina com esta passagem antológica: “Só mineiros sabem. E não dizem nem a si mesmos o irrevelável segredo chamado Minas”.

Vejamos estes três momentos sociais nos quais o poeta expressa sua brasilidade. Na década de 20, época da Semana da Arte Moderna, do nacionalismo que se expressará em todas manifestações culturais, ele se diz “moreno como vocês”, valorizando o elemento étnico (africano) na formação do brasileiro. Mas não leva a sério as bravatas nacionalistas, pois o seu nacionalismo, que diz ser “virtude”, não resiste às mesas dos bares que quando se fecham levam à negação de todas as virtudes. O que Drummond já criticava no final da década de 20 era este patriotismo que depois se transmudou no “esquerdismo” de whisky muito praticado, nos anos 50 e 60 nos bares do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo.

Entre 1931 e 1934, em plena época revolucionária, o poeta está inquieto com o gigante que dorme, que recebe imigrantes: “Francesas muito louras de pele macia, alemãs gordas, russas nostálgicas”, enfim, um período de modernização do Brasil. Drummond se sente sufocado pela influência estrangeira? Ele desabafa no final do poema: “Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil. Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?”

Quarenta anos depois, no seu “Canto Brasileiro” parece que o poeta está com sua identidade nacional estabelecida pois ela sempre “volta” à consciência das mais variadas formas: na polpa da goiaba, no falar os “s” e “r”, na solidariedade com outros povos e no desejo de liberdade.

Cada brasileiro, dependendo do seu nível cultural, idade e sexo, vive, provavelmente, diferentes fases no seu processo de identificação nacional que hoje é muito mais difícil do que na época de Carlos Drummond de Andrade. Deixo este esboço de um “estudo de caso” para que outros pesquisem o problema da identidade nacional em nossos escritores, poetas e até músicos. Como escrevi anteriormente, não considero que o psicólogo social ou o antropólogo sejam privilegiados para o estudo deste problema. O constructo de “imagem nacional” e seu desdobramento na real e ideal será discutido na segunda parte desta pesquisa. Tendo apresentado e discutido estes conceitos básicos cabe-me, finalmente, apresentar minhas conclusões.

Conclusões

Estas conclusões voltar-se-ão para os conceitos estudados; para a metodologia de pesquisa e para as teorias.

No plano das definições, verifica-se que o conceito mais antigo, e que resiste até hoje, é o de caráter nacional. Ele tem amplo uso nos meios políticos, empresariais e nas Forças Armadas. Os conceitos que vieram posteriormente, como características nacionais, personalidade básica e personalidade modal não acrescentaram, em termos de pesquisa, o que deles se poderia esperar. Parece que é muito promissor o conceito de identidade nacional depois de superadas as resistências para o seu uso. É provável que haja um declínio dos estudos de consciência de classe acompanhando o declínio do comunismo na Europa. Já os estudos sobre a identidade nacional exigem do estudioso grande abrangência teórica, pois incorpora o problema da formação da identidade individual, sexual, do eu, do nós, das instituições, e dos comportamentos e ritos sociais ao longo da história de um povo. Somente pesquisas interdisciplinares poderiam levar a bom termo estudos nesta direção.

No plano da metodologia de pesquisa, poder-se-ia partir para investigações mais cognitivistas seguindo, com a devida adaptação, o método clínico que usou Piaget (1951) no seu estudo com as crianças suíças. No meu segundo estudo, introduzi o conceito de “imagem ideal” do brasileiro. Parece que agora seria muito adequada a condução, em nível nacional, de uma pesquisa que explorasse este “ideal” e as forças psicossociais que podem facilitar ou impedir o aparecimento deste brasileiro. Outras questões surgem sobre o desenvolvimento da identidade com a cidade, com o estado

e o país. Que papel terão os símbolos na formação da identidade nacional, como, por exemplo: a bandeira nacional, o hino, as instituições e o regime político?

Como já sugeri anteriormente, existe uma série de problemas específicos que estão à espera de pesquisa como o paternalismo (tudo se espera do Governo), o sentimento de inferioridade, etc. Uma investigação das mudanças na identidade do brasileiro, enquanto captadas por nossos grandes escritores, é também muito desejável. Os grandes tipos criados por Machado de Assis, Afonso Arinos, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Jorge Amado e Érico Veríssimo muito revelam do brasileiro.

A identidade nacional não gerou por si teorias psicológicas para explicá-la. Não há como negar que a Psicanálise tem contribuições fundamentais nesta área por causa da sua preocupação com o estabelecimento da identidade individual e sexual. O fato, por outro lado, de Freud ser judeu o levou a refletir sobre sua identidade e o desenvolvimento da psicanálise na Europa. Mas o forte da contribuição psicanalítica se volta para a identificação com os pais e a problemática do papel sexual. Nesta direção existem muitas teorias que podem ser revistas em Carmichael (1975).

Jean Piaget (1951) foi o único grande psicólogo que se dedicou ao problema da identidade nacional e tentou acompanhar, numa amostra de crianças suíças, como surge a noção de pátria e que relação tem com os estágios evolutivos das crianças (aspectos intelectual e afetivo). Desconheço, contudo, se Piaget voltou ao estudo do problema e chegou a elaborar uma teoria específica para explicar a formação da identidade nacional. Sua contribuição, com o uso do método clínico, é, contudo, muito heurístico e poderia ser feita em nosso país uma réplica do seu estudo para verificar se as nossas crianças mostram o desenvolvimento do conceito de nação nas mesmas faixas etárias das crianças suíças.

Finalmente, no nível teórico, o estudo da identidade nacional poderá ser conduzido por pesquisadores que considerem, na abordagem do problema, a contribuição da psicanálise e da teoria piagetiana e a crítica da psicologia marxista. Fazer uma integração destes diferentes modelos não é fácil. Hoje, até onde entendo a Psicologia, é impossível trabalhar com um modelo único para abordar um problema tão complexo. Sou, portanto, um otimista com relação ao futuro das pesquisas sobre identidade nacional, embora o filósofo francês Finkielkraut (1987) acredite que a única identidade que realmente predominará será a que Edgar Morin chama de "bioclasa". Curioso é este mundo de fim de século XX que, se de um lado vê crescer a unificação do Poder (os Sete Grandes, o Mercado Comum Europeu), assiste, doutra parte, à explosão das etnias que resistem às unificações artificiais e lutam até a morte pela sobrevivência das suas singularidades. Como o futuro conciliará estas duas tendências para o aparecimento do homem universal "katholikós", filho da Terra e irmão de todos os homens? Uma resposta a esta questão passa, do meu ponto de vista, por uma maior compreensão da formação da identidade nacional. Os estudos de povos que têm dupla nacionalidade, como os judeus, por exemplo, seriam oportunos para verificar como eles conciliam identidades diferentes, e, às vezes, antagônicas. Até lá, teremos de esperar o dia em que o homem integrará melhor a identidade nacional com a identidade humana. O futuro aponta, naturalmente, para o Homem "katholikós" que será herdeiro das conquistas de todas as civilizações, eterno caminhante em busca do Paraíso Perdido.

II. As imagens do brasileiro: a real e a ideal

Depois que muitos escritores e sociólogos realizaram ensaios sobre o brasileiro, coube a um psicólogo social da Universidade de São Paulo, Dante Moreira Leite (1927-1976), com o seu *O Caráter Nacional Brasileiro*, realizar, em 1954, uma revisão das ideologias do caráter nacional e decretar "ex-cathedra" que elas haviam morrido. Sua tese de doutoramento estava à frente de sua época. Aluno de Otto Klineberg, o primeiro grande professor de Psicologia Social da USP, foi influenciado por aquele pesquisador no seu doutoramento sobre o caráter nacional. Este tópico era um dos preferidos de Klineberg que, inclusive, desenvolveu um capítulo sobre o mesmo no seu livro *Psicologia Social*, traduzido para o português na década de 60. Esta influência pode também ser inferida na própria feitura da tese que mostra uma estrutura européia. Ela é geral e quase enciclopédica, e nela, Leite revê e critica todas as interpretações do brasileiro, desde Pero Vaz de Caminha até Caio Prado Júnior. Para Leite (*apud* Motta, 1977): "O caráter nacional brasileiro tinha então de ser destruído porque tratava das diferenças, não das igualdades do povo brasileiro e do Brasil com aquelas nações desenvolvidas" (p. 244). Mas Leite não realizou esta tarefa. Mergulhou, segundo o mesmo Motta, na ideologia da ciência, na ideologia da superação da ideologia. Por outro lado é uma questão aberta saber como se pode destruir esta ou aquela ideologia "on the green table", como dizem os ingleses.

Leite não realizou, contudo, nenhum estudo experimental que viesse comprovar ou não a morte das ideologias. Deixou, no final da sua obra, sugestões neste sentido. Somente na década de 80 é que um grupo de psicólogos sociais resolveu retomar a problemática aberta por Leite e realizar, com diferentes teorias e metodologias, estudos experimentais que esclarecessem um pouco a complexa questão dos traços psicossociais que compõem a identidade do brasileiro, seu senso de justiça, valores, atribuição de causalidade, estereótipos, etc. Os estudos que serão apresentados neste capítulo se voltam para os traços psicossociais que compõem a imagem do brasileiro.

Primeiro estudo: Quem é o brasileiro? Uma exploração das características levantadas por Gilberto Freyre, Sergio B. de Holanda e outros autores

Estudo realizado por: Antônio R. de Almeida, Gerson Muccillo, Lucy Leal de Melo, Regina H. Canhos.

Introdução

A motivação deste estudo partiu da suspeita de que as teorias do caráter nacional não estão mortas como declara Leite (1954). Mas qual ou quais das teorias que criticou prevalecem na vida diária do brasileiro e influenciam seu comportamento? Esta questão só podia ser respondida por um estudo experimental que levasse uma amostra a escolher, entre os diversos perfis psicossociais do brasileiro, o que mais se ajustava à sua percepção social. Esta pesquisa exigiu, portanto, na sua primeira fase, uma pré-pesquisa, na qual os sujeitos foram convidados a escolher o perfil do brasileiro entre

os oferecidos por nove ideólogos do caráter nacional. Uma amostra de 300 Ss, sendo 160 do sexo feminino e 140 do masculino, estudantes universitários, foi usada nesta fase. A cada S. foi pedido que lesse cuidadosamente os perfis psicossociais do brasileiro como descritos por vários autores e emitisse um dos cinco possíveis julgamentos:

- a) concordo plenamente; d) discordo em parte;
- b) concordo em parte; e) discordo totalmente.
- c) não tenho opinião;

Para que não ocorresse um possível efeito de halo, não foi fornecida, nesta fase, os nomes dos autores. Os traços foram extraídos de Sílvio Romero, Affonso Celso, Cassiano Ricardo, Arthur Ramos, Paulo Prado, Gilberto Freyre, Sérgio B. de Holanda, Fernando Azevedo e Vianna Moog. Por constituir um material bibliográfico de raro acesso são apresentados na relação dos autores estudados, os traços do brasileiro e a obra de referência de acordo com Leite (1954).

Sílvio Romero

Fonte: *História da Literatura Brasileira* (1888)

Apático, sem iniciativa, desanimado, imitador do estrangeiro na vida intelectual, irritável, abatido intelectualmente, nervoso, hepático, talentoso precocemente, mas de rápida extenuação, facilidade para aprender, superficialidade das faculdades inventivas, desequilibrado, mais apto para queixar-se do que para inventar, mais contemplativo do que pensador, mais lirista, mais amigo de sonhos e palavras retumbantes que de idéias científicas e demonstradas.

Affonso Celso

Fonte: *Por que me ufano do meu país* (1900)

Sentimento de independência, hospitalidade, afeição à ordem, paz, melhoramento, paciência e resignação, doçura, longanimidade e desinteresse, escrúpulo no cumprimento das obrigações contraídas, caridade, acessibilidade, tolerância (ausência de preconceito), honradez. Características negativas: falta de iniciativa, de decisão e firmeza, pouca diligência e pouco esforço.

Arthur Ramos

Fonte: *O Negro Brasileiro* (1940)

Culto à palavra, culto ao doutor, caça a diploma, primarismo, autodidatismo, narcisismo, culto às coisas concretas, culto aos totens estrangeiros e "indoctrination", traduzido como sendo sujeito à doutrinação.

Paulo Prado

Fonte: *Retrato do Brasil: Ensaio sobre a Tristeza Brasileira* (1928)

Tristeza, erotismo, cobiça, romantismo, individualismo desordenado, apatia e imitação.

Gilberto Freyre

Fontes: *Casa Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936)

Sadismo no grupo dominante e masoquismo nos grupos dominados, animismo, cren-

ça no sobrenatural, gosto por piadas picantes, erotismo, gosto da ostentação, personalismo, culto sentimental ou místico ao pai, maternalismo, simpatia do mulato, individualismo e complexo de refinamento.

Cassiano Ricardo

Fonte: Não mencionada por Leite (1954)

Mais emotivo, mais coração que cabeça, mais propenso a ideologias do que a idéias, detesta a violência, menos cruel, menos odioso, bondade e individualismo.

Sérgio Buarque de Holanda

Fonte: *Raízes do Brasil* (1936)

Culto à personalidade, falta de hierarquia, desordem, ausência de espírito de organização espontânea, inquieto e desordenado, ânsia de prosperidade sem custo, de posição e riqueza fáceis, aventureiro, inteligência como ornamento e prenda, cordialidade e individualismo.

Fernando Azevedo

Fonte: *A Cultura Brasileira* (1943)

Afetividade, irracionalidade, misticismo, sensibilidade, imaginação, religiosidade, resignado, dócil, submisso, bondade, reserva, desconfiança, sobriedade, imprevidência, inteligência superficial e brilhante, individualismo, sentimento democrático, tendências igualitárias, altruísmo, sentimentalidade, generosidade, pacífico, hospitaleiro, tolerante e intuitivo.

Vianna Moog

Fonte: *Bandeirantes e Pioneiros: Paralelo entre Duas Culturas* (1954)

Apego ao passado europeu e português, desconfiança, medo do ridículo, exibição do sofrimento, reserva na expressão da felicidade, mania de doenças, desamor ao trabalho orgânico, sem profundidade religiosa; ausência de iniciativa, organização, cooperação, espírito técnico e científico; o trabalho como labéu infamante; vaidade; pedantismo; suficiência; valorização de triunfo através de habilidade, intriga, cálculo, astúcia; delicadeza ou jeito; suscetibilidade; imaturidade emocional; indiscriminação racial; despreocupação dos aspectos morais da vida; desprezo das virtudes econômicas e procura de riqueza rápida.

A apuração dos julgamentos da amostra (300 Ss) revelou uma concentração de 80% para a descrição do brasileiro segundo Gilberto Freyre e Sérgio B. de Holanda na alternativa "concordo plenamente". Almeida e Muccillo, após considerarem cuidadosamente os traços de Freyre e Holanda, resolveram acrescentar outros traços que, segundo eles, vieram se incorporar à imagem do brasileiro. Foi organizado um questionário, composto de 36 traços, aplicado numa amostra de 163 Ss de Ribeirão Preto, aos quais se pedia que indicassem se "concordavam, discordavam ou não tinham opinião" se aquele traço pertencia ou não ao brasileiro. A Tabela 1 mostra a distribuição percentual dos 36 traços usados nesta pesquisa.

[Ver no final a tabela 1]

O exame da Tabela 1 permite, de forma geral, verificar que certos traços atribuídos ao brasileiro por Freyre e Holanda apresentam um percentual alto de concordância. São eles os seguintes: gosta de piadas picantes (95.7%), desejoso de posições e riqueza fáceis (88.3%), alegre (89.5%), hospitaleiro (79.7%), barulhento (79.1%), gosto da ostentação (79.7%), erótico (79.7%), imitador do estrangeiro (78.5%), acredita no sobrenatural (75.4%), tem complexo de refinamento (75.4%), fatalista (73%), cordial (75.4%), sádico quando está no poder e masoquista quando está “por baixo” (71.1%), tolerante (66.2%), imprevidente (65%) e não valoriza o tempo (63.8%). Alguns destes traços se manteriam, na pesquisa que seria conduzida em 1988, na imagem real do brasileiro, enquanto outros mostrariam um forte decréscimo no seu percentual.

[Ver no final os gráficos 1 e 2]

A indicação da discordância é também sugestiva desta imagem psicossocial do brasileiro. Ela indica o que está faltando nesta imagem. Observa-se um alto índice de discordância nos seguintes traços: respeitador das leis, regulamentos e normas, como povo, tem boa saúde (saudável), disciplinado, não é racista e é fiel à religião. A amostra revelou-se, por outro lado, ambígua, pois os julgamentos se distribuíram quase no mesmo percentual para “concordo e discordo” para os seguintes traços: valoriza sua origem étnica, sem preconceito religioso, personalista e ordeiro. As discordâncias sugerem um brasileiro com preconceito racial, indisciplinado, desrespeitador das leis e normas. Enfim, um cidadão do que se convencionou chamar, nestes dias, de terceiro mundo e distante dos padrões de civilização.

Um estudo comparativo em Jaú

Para testar a generalidade dos dados obtidos em Ribeirão Preto, foi realizado em Jaú (SP) um segundo estudo usando a mesma metodologia. A questão que se buscou esclarecer é a de se haveria maior ou menor indicação de algum dos traços atribuídos ao brasileiro segundo Freyre e Holanda. Jaú foi escolhida porque representava na década de 80 uma cidade pequena onde a amostra poderia ter uma outra percepção do brasileiro. Foi feita também uma comparação das imagens dos Ss segundo o sexo. A Tabela 2 mostra o percentual dos traços do brasileiro na amostra de 482 Ss das cidades de Ribeirão Preto e Jaú.

[Ver no final a tabela 2]

Os resultados obtidos em Jaú seguem os percentuais de Ribeirão Preto e a aplicação do teste para a proporção populacional “p” (Vide Guerra e Donaire, 1982) não revelou diferenças estatisticamente significativas, ao nível de 0,05. Logo, é possível concluir que as duas amostras têm uma percepção do brasileiro muito semelhante. Quando foi feito o mesmo teste para comparar as diferenças percentuais, considerando o sexo dos Ss, foi verificada uma diferença estatisticamente significativa com relação ao traço “culto sentimental ou místico do pai”. Enquanto os Ss do sexo masculino concordam em termos percentuais altos, os Ss do sexo feminino concordam com uma percentagem muito baixa. Esta foi a única diferença registrada nas amostras das duas cidades paulistas.

Resumindo, os dados obtidos nesta primeira pesquisa conduzida entre 1982 e 1983 chega-se à conclusão de que: a) as ideologias de Freyre e Holanda ainda estão vivas e influenciam o brasileiro; b) que o brasileiro tem uma auto-imagem na qual se misturam elementos de uma sensualidade exacerbada com crenças primitivas que não controlam esta mesma sensualidade; c) que seu desenvolvimento ético é ainda insatisfatório. Uma reflexão sobre este brasileiro revela, o que é um paradoxo, que este perfil se aproxima de um homem-modelo para uma sociedade patriarcal. Se estes dados fossem obtidos no nordeste brasileiro, o resultado não seria de se estranhar. Mas como explicá-lo se a pesquisa foi conduzida no estado líder da federação? Em 1950 o filósofo Álvaro Vieira Pinto, no seu clássico *Consciência e Realidade Nacional*, já havia apontado a imaturidade do brasileiro. É, finalmente, uma imagem muito negativa. Mas este primeiro estudo teve o mérito de conduzir a uma segunda pesquisa que é apresentada a seguir. Os nossos Ss mostraram que não estavam satisfeitos com a imagem que possuíam do brasileiro. Este fato sugeriu a elaboração do constructo imagem real e imagem ideal. A investigação da imagem real, só conduzida cinco anos depois (1988 e 1989), permitiria a confirmação ou não dos dados obtidos neste primeiro estudo e revelaria a imagem ideal do brasileiro.

Segundo Estudo — O brasileiro em busca da sua imagem

Estudo realizado por Antônio Ribeiro de Almeida.

Este estudo foi escrito enquanto o autor esteve como Professor Visitante na Universidade Federal de Uberlândia, MG. Fica aqui registrado o agradecimento pelo apoio recebido naquela instituição.

Introdução

Nesta introdução discutirei dois conceitos que são fundamentais para esta pesquisa: o de imagem social e imagem nacional. Imagem é um conceito muito rico e que existe em muitas ciências, como, por exemplo, na Antropologia, na Teologia, na Física, na Astronomia, na Literatura, na Matemática e nas disciplinas que compõem a Psicologia.

É nesta última ciência que nos interessa ver como o conceito de imagem tem sido definido e como evoluiu. Ele surge, primeiro, na Psicologia Filosófica graças ao trabalho de Aristóteles (384 a.C-322 a.C), que considerava a imagem como um produto derivado da sensação, isto é, da faculdade da imaginação. Séculos mais tarde, Santo Tomás de Aquino (1225-1274) iria ampliar a função da imaginação na sua *Suma Teológica*. Para ele a imagem seria o resultado da operação da "imaginação" quando ela "recebe e conserva as impressões sensíveis providas do sentido comum, e quando a evoca e a reproduz na ausência dos objetos que as ocasionaram". Esta concepção atravessou toda a Idade Média e chegou até o século XIX sem modificações substanciais. O conceito de imagem passou a ser estudado com um enfoque renovado somente no início do século XX graças à contribuição da Teoria da Gestalt e o concomitante desenvolvimento da Neuropsicologia com os estudos de A. R. Luria. Acredito não ser arriscado dizer que somente neste século é que a imaginação passou a ser melhor

entendida graças aos estudos da escola russa que permitiu a localização, no cérebro, da área responsável por este complexo processo cognitivo. Com Aristóteles e Tomás de Aquino, o que tínhamos era uma abordagem filosófica, com uma dominância do aspecto lógico, o que, aliás não é de estranhar por ser naquela época a psicologia uma parte da Filosofia. Mais surpreendente, contudo, é verificar que as explicações tomistas não estavam longe das provas neurológicas que Luria viria a estabelecer sobre como se forma a imagem. É, contudo, mais relevante, para os fins deste capítulo, acompanhar a evolução do conceito de imagem dentro da Psicologia Social e no Marxismo. Na Psicologia Social, ou mais especificamente na Psicologia do Mercado, o conceito desenvolveu-se com os trabalhos do grupo da Escola de Economia de Harvard. No ano de 1955 os psicólogos B. Gardner e S. Levy incorporaram o conceito à linguagem dos economistas relacionando-o a “imagem de uma empresa”, “imagem do Presidente”, etc. Surgem os famosos “best-sellers” de como fazer um presidente e que usam e abusam do conceito de “imagem política”. Eles pretendiam ensinar como uma “imagem” poderia ser construída a partir das necessidades do eleitorado e se tornar um produto de consumo. Esses livros estiveram nas mesas dos publicitários que fizeram a campanha de Juscelino Kubitschek à Presidência da República na década de 50. Quarenta anos depois, o conceito de “imagem política” voltaria à atualidade e estaria presente na *mídia*, no Governo Collor que cultiva sua imagem à exaustão. Não é neste sentido que discutimos o conceito de imagem do brasileiro.

Na Psicologia Social Marxista, o conceito de “imagem do homem” é exaustivamente discutido. Hiebsch e Vorweg assim o definem: “A imagem do homem, como fenômeno da superestrutura ideológica da sociedade, compreende, como a palavra o diz, todas as idéias que os homens se fazem sobre si próprios e sobre os outros, em particular sobre as suas relações com a realidade, com a natureza e sociedade” (vide *Introdução à Psicologia Social Marxista*, p. 46). O conceito cai, portanto, sob o domínio da ideologia, e, à Psicologia caberia o papel de “conscientizar” os homens, e, especialmente a classe operária, para o perigo que as “imagens” nacionais podem representar. O objetivo de Marx era levar o operário a ter de si uma “imagem” desligada da nacionalidade. O que nenhum psicólogo marxista esclareceu até hoje é por que o Marxismo fracassou no esforço de criar na consciência do operariado uma imagem predominantemente de classe onde prevaleceria o valor do internacionalismo. No *Manifesto Comunista* escreveu Marx: “Os operários não têm pátria. Ninguém lhes pode tirar o que eles não têm”. Parece que esta afirmação padece de um idealismo fatal para o projeto comunista. Este fim de século demonstra como as nacionalidades, e, conseqüentemente, as “imagens nacionais” invadem a vida política da ex-URSS e constituem um pesadelo para os seus dirigentes. É uma questão aberta dentro do Marxismo explicar por que não conseguiu forjar uma consciência de classe internacional que constituiria um dos valores fundamentais na “imagem marxista” do homem. Para mim, o que ficou de positivo na crítica que o Marxismo fez do conceito de “imagem” foi demonstrar o quanto ele é dependente da época, da história e das elites que podem produzi-lo e manipulá-lo. Mas a contribuição principal da Psicologia Marxista é, a meu ver, que a “imagem” tanto de um indivíduo, como de uma classe, de uma raça ou de uma nação pode ser alterada. É neste sentido que vejo um ponto de encontro entre o meu trabalho e esta abordagem. Por outro lado, à medida que cada brasileiro for tomando consciência da existência destas duas imagens e o quanto elas são dife-

rentes, é quase certo que se estabelecerá em cada um ou mesmo em grupos um sistema de tensões (*Gespanntes System*) de que falava Kurt Lewin (1935) onde operarão forças e necessidades em direção ao “ideal”. Esta tensão, que pretendo seja de natureza psicossocial, é um dos conceitos básicos da teoria de Kurt Lewin e mesmo de Festinger. Ela pode provocar um grande desequilíbrio e mal-estar no sistema cognitivo de uma pessoa quando exposta a informações que se contradizem ou quando ela percebe que existe uma grande distância entre o que ela “é” e o que “pretende ser”. Aliada a outros fatores, sejam eles de natureza histórica ou econômica, a tensão poderá responder, num futuro breve, por uma mudança na imagem do brasileiro. Como é, por exemplo, desagradável para um brasileiro ouvir que seu país e ele, conseqüentemente, está entrando no quarto mundo (África) ou que o Brasil está se equiparando à Albânia, o país mais atrasado da Europa. Mas este não é um problema para os limites desta pesquisa que pretende apenas descrever as imagens do brasileiro em duas regiões do país.

Embora não tenha encontrado na literatura um conceito que atendesse aos objetivos deste estudo, integrando a imagem real com a ideal, apresento alguns conceitos de imagem clássicos na Psicologia. Somente depois disto é que discutirei o conceito que elaborei de “imagem social” e que pretendo atenda aos objetivos desta pesquisa.

Newcomb (1950), baseado em Karen Horney, levanta para a Psicologia Social a problemática de essa disciplina usar ou não conceitos oriundos da Psicanálise. Depois de fazer uma digressão clínica sobre conceitos como “imagem idealizada” — uma apropriação que Horney fez de outro conceito freudiano, o de “ideal do Eu”, Newcomb conclui pela negativa. Apesar disso, ao ler aquela passagem, constatei que a discussão de Newcomb era mais rica e ampla do que a abordagem econômica de Garder e Levy. Ela poderia me fornecer subsídios para fundamentar a elaboração do conceito de imagem social. Na primeira pesquisa, observei que os sujeitos estavam me sugerindo este segundo estudo. Eles apontavam para um “ideal” do ser brasileiro que não pode, do meu ponto de vista, ser explicado por nenhum mecanismo neurótico. Outro autor, B. Spiegel define imagem como sendo “...um conjunto das orientações, atitudes de valor, conhecimento, expectativas, idéias, preconceitos e impressões que estão ligados aos objetos de opinião do campo social...” (*Dicionário de Psicologia*, p. 201, vol. 2). Evidentemente, uma definição tão ampla como esta pede muitas operacionalizações em diferentes instrumentos de pesquisa. Na presente pesquisa explorei as expectativas orientadas, provavelmente, por atitudes de valor, e, certamente, alguns estereótipos. No passado, as pesquisas que versavam sobre estereótipos eram desprezadas porque não se atribuía nenhum valor ao julgamento estereotipado. Acreditava-se que o estereótipo não possuía validade e não passava de uma generalização abusiva de alguns poucos casos observados. Hoje, depois dos estudos de Hamilton (1979), o estereótipo passou a ser considerado não só como contendo valor cognitivo como ainda influenciando o comportamento dos indivíduos. Quem viaja pelo exterior sabe muito bem como o estereótipo do brasileiro influencia decisivamente na hora de alugar uma residência, emitir um cheque ou fazer uma reserva em hotéis. Paulo Francis, na sua coluna semanal no jornal “O Estado de S. Paulo”, escreveu, no ano de 1990, que os senhorios de Nova Iorque exigiam do inquilino brasileiro três fiadores e o pagamento

adiantado de vários meses. O tratamento é inusual. Algum ingênuo pode perguntar “Por quê?”

Mas a definição de Spiegel não satisfaz aos objetivos desta pesquisa porque ela não integra a imagem real com a ideal. A definição de imagem da psicóloga venezuelana Maritza Montero mais se aproxima da integração indicada, mas não é ainda suficiente. Ei-la: “Definimos (imagem) como a reprodução interior de objetos, fatos e experiências, de caráter seletivo e sintetizador, desenvolvida num processo de aprendizagem social, que assim como a gera, igualmente a transforma, enriquecendo-a ou empobrecendo-a”. Se estas definições de imagem social são gerais, é necessário formalizar uma definição de “imagem nacional” que procure atender uma singularização do conceito. É esta definição que apresento e que espero seja funcional para os meus objetivos.

“Imagem nacional é um componente da identidade individual, construída nos sistemas cognitivo, afetivo e comportamental de uma pessoa, anterior às imagens de classe, de profissão, e posterior à imagem do corpo e do sexo. Participam da sua construção a geografia de um povo (espaço), a história nacional, a língua pátria, seus sistemas de valores, atitudes e comportamentos desenvolvidos ao longo de uma vida numa constante interação passado-presente. A imagem nacional permite ao indivíduo ser reconhecido no próprio grupo e nos grupos estrangeiros. Ela está sempre num processo de transformação, polarizada que é por imagens nacionais de outros povos que expressam, num momento histórico, um ideal de civilização, existindo, por isso, nas dimensões do real e do ideal”.

Atendendo a esta definição, que não pretende ser definitiva, mas para cuja funcionalidade chamei atenção, é que elaborei o questionário sobre a imagem real e ideal do brasileiro que apresento a seguir, ainda que resumidamente.

Questionário e amostra

O questionário é composto de 87 traços psicossociais que foram retirados de Sérgio B. de Holanda e Gilberto Freyre — usados na pesquisa anterior —, como dos estudos clássicos de Katz e Braly (1933) e de Wish e Biener (1972). O autor considerou como nações que atendiam ao ideal de civilização, e sobre as quais os brasileiros projetam suas aspirações, as seguintes: Estados Unidos, Itália, França e Alemanha. Portugal e as nações africanas não foram incluídos porque a pesquisa anterior revelou que a valorização das origens étnicas do brasileiro é baixa. Traços psicossociais que se referem àqueles povos e que estão nos estudos já citados foram incluídos no questionário. Cada sujeito, quando respondeu ao questionário, recebeu uma detalhada instrução sobre o conceito de imagem. Para conduzir os nossos sujeitos à realização de uma escolha seletiva; foi permitida a escolha de dez traços para cada imagem. O sujeito podia, caso fosse seu desejo, repetir ou não um ou mais traços da imagem real na coluna da imagem ideal ou compor sua imagem ideal sem repetir nenhum dos traços que havia usado para formar a imagem real. Caso ele tivesse alguma dúvida com relação ao significado de algum traço, a mesma era esclarecida pelo aplicador, que recebeu um glossário com o significado dos traços psicossociais usados no questionário.

rio. Tal providência foi necessária tendo em vista os diferentes níveis culturais dos sujeitos. No Quadro 1 é apresentada uma relação, em ordem alfabética, dos traços pesquisados. Quatro psicólogos que funcionaram como “juizes” do questionário tiveram uma concordância de .83 que os 87 traços compreendiam as seguintes áreas da imagem nacional: política, religiosa, personalidade, hábitos, ética, sensibilidade.

[Ver no final o quadro 1]

Esta pesquisa foi conduzida numa amostra de 1.610 sujeitos nos anos de 1987 e 1988 nas cidades de Ribeirão Preto e Franca (SP); e São João del Rei e Lavras (MG). A inclusão das cidades mineiras ocorreu por conveniência do pesquisador que foi professor visitante, em 1988, na Fundação de Ensino Superior de São João del Rei — FUNREI — do Ministério da Educação. A amostra não é representativa da população brasileira, seja pelo número reduzido de sujeitos como pelas regiões pesquisadas. Neste sentido ela pode indicar, no máximo, uma tendência que precisa ser confirmada por outras pesquisas que usem a mesma metodologia ou uma similar. Quanto ao sexo 48.1% dos Ss eram do sexo masculino e 51.9% do sexo feminino. A amostra foi estratificada em função do número de pessoas maiores de 18 anos contando, no final, com a seguinte distribuição: Ribeirão Preto 57.5% (927 Ss); Franca 21.8%; (350 Ss); Lavras 13.8% (222 Ss) e São João del Rey 6.9% (111 Ss). Todos sujeitos sabiam ler e representavam diferentes grupos profissionais, estudantes, comerciários, bancários, funcionários públicos e donas de casa. Quanto à nacionalidade a amostra era composta por 98.6% de brasileiros natos e 3.8% de brasileiros naturalizados.

A imagem real do brasileiro

A Tabela 3 apresenta as percentagens dos quinze traços psicossociais que caracterizam a imagem real do brasileiro e o seu aparecimento ou não na imagem ideal. O que chama nossa atenção nesta tabela é o fato que ela confirma traços que já haviam sido apontados no primeiro estudo de Almeida, Muccillo e Melo realizado em Ribeirão Preto em 1983. Estes traços compõem parte da imagem real do brasileiro segundo descrição de Gilberto Freyre e Sérgio B. de Holanda. Ele é percebido como: a) Carnavalesco (20.4%) (1988); b) Desejoso de posições e riqueza fáceis 88.3% (1983) e 14.6% (1988); c) Supersticioso 63.1% (1983) e 12.2% (1988); d) Imitador do estrangeiro 78.5% (1983) e 11.6% (1988); e) Gosta de piadas picantes 95.7% (1983) e 8.7% (1988). Uma primeira análise pode sugerir que entre a primeira e a segunda pesquisa ocorreu uma diminuição desses traços. Esta conclusão não pode ser tirada pelo leitor para todos os traços porque os sujeitos da segunda pesquisa responderam a um questionário com um número maior de traços (87 traços na pesquisa de 1988 contra 36 traços na pesquisa de 1983). Além do aumento deste espaço para escolha, foi feita uma limitação a dez traços, enquanto na pesquisa de 1983 os Ss emitiam um dos três julgamentos (concordo, discordo, não tenho opinião) para todos os 36 traços. Permanecem muito fortes na imagem real do brasileiro os seguintes traços: o desejoso de posições e riqueza fáceis, o ser supersticioso, não valorizar o tempo, o paternalismo. Observa-se uma diminuição do gostar de piadas picantes, que cai do primeiro lugar na pesquisa de 1983 para décimo lugar em 1988.

[Ver no final a tabela 3 e o gráfico 3]

Os quinze traços que compõem a imagem real do brasileiro apontam para uma personalidade macunaímica. Como não fazer a aproximação, se entre os primeiros dez traços estão indicados os seguintes : 1. Carnavalesco; 2. Desejoso de posições e riquezas fáceis; 3. Supersticioso; 4. Imitador do estrangeiro; 5. Alienado politicamente; 6. Preguiçoso; 7. Paternalista; 8. Não valoriza o tempo; 9. Barulhento, e 10. Gosta de piadas picantes?

Não importa que Mário de Andrade tivesse, em cartas a Augusto Meyer (16 de julho de 1928) e a Carlos Drummond de Andrade (15 de outubro de 1928), negado esta intenção. Parece que este personagem faz parte do inconsciente coletivo do brasileiro e nele reside há muito tempo, apesar de todos os exorcismos. João Ribeiro (1928) defende esta tese do brasileiro macunaímico, como outros críticos literários da época. Ele escreve: "Para nós é evidente que o autor, ainda contra a sua própria crítica, quis nos pintar o homem brasileiro, indolente, mas astuto (em poucas coisas, na política, por exemplo), sem caráter definido, perturbado pela heterogeneidade de seus elementos formativos, ignorante mas audaz, pobre mas fanfarrão de liberalidades, presumido como mosca do coche, vassalo arrotando soberania..." (p. 346, Lopez, 1978). Evidentemente os sujeitos que compuseram nossa amostra desconhecem, na sua grande maioria, a obra de Mário de Andrade. Não obstante, descrevem a imagem real do brasileiro na direção do herói sem nenhum caráter. Este fato não seria uma prova indireta da validade desta imagem do brasileiro, ainda que possa nos desagradar profundamente?

Alguns dos quinze traços vão na direção da dimensão ética da imagem do brasileiro e merecem cuidadosa apreciação. São eles os seguintes: a) Desejoso de posições e riqueza fáceis; b) Preguiçoso; c) Não valoriza o tempo; d) Não leva nada a sério. O segundo traço mais indicado pela nossa amostra (desejoso de posições e riqueza fáceis) guarda uma correlação bem alta com os demais e constituem o núcleo desta personalidade macunaímica. Em *Macunaíma*, o herói repete ao longo do livro, como um "leitmotiv" a frase que logo está no início do primeiro capítulo: "Ai! que preguiça!...". Já na primeira pesquisa ficou claro que o brasileiro não era percebido como trabalhador. Existe, aliás, na nossa literatura uma grande indisposição contra o trabalho. Até Guimarães Rosa, em *Tutaméia* escreve contra o trabalho: "Trabalho não é vergonha, é só uma maldição". O canção popular está cheio de cantigas que também desvalorizam o trabalho. Uma antiga marcha de carnaval diz: "Trabalhar, eu não, eu não..."; e um conhecido ditado dos nossos dias ensina que "quem trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro".

Se o trabalho não é um valor básico da personalidade do brasileiro real, não é de se estranhar que uma consequência lógica seja a não-valorização do tempo — já é conhecida mundialmente a "hora brasileira" traduzida na impontualidade, e, ainda, o não levar nada a sério e o desejo de melhorar de vida sem fazer força. A famosa lei de Gérson — levar vantagem em tudo — não é uma clara expressão desta falta de ética nas relações sociais?

Mas será o brasileiro o único povo latino-americano a ter uma imagem real tão negativa? Parece que não. Os estudos da psicóloga social Maritza Montero, da Universida-

de Central da Venezuela, sobre a auto-imagem do venezuelano mostram grandes semelhanças com o presente estudo. Essas pesquisas e as de Salazar, Santoro, Queiroz de Ramos, Romero-Garcia (*apud* Montero) indicam que o venezuelano também se autopercebe como: preguiçoso, irresponsável, fatalista, hospitaleiro, autoritário. Esses traços psicossociais, que ela prefere chamar de “estereótipos”, coincidem com a descrição do brasileiro por Freyre e Holanda. É uma questão para uma outra pesquisa o investigar as matrizes culturais (Igreja, Estado?) que podem ter modelado este tipo de homem.

Do meu ponto de vista, o atribuir esta problemática ao trabalho de ideologias estrangeiras que estão sempre atuando contra esses povos é cair numa explicação conspiratória — algo paranóica — muito usada nas décadas passadas. Para mim, esta problemática existe e é um dado cultural que precisa ser melhor investigado.

A análise do percentual da coluna da imagem ideal da Tabela 3 nos revela que somente os traços “esportista e hospitaleiro” reaparecem na imagem ideal do brasileiro com as percentagens de 16.8% e 13.2% respectivamente. Isto significa que eles não são rejeitados como são os demais traços que compõem a imagem real do brasileiro, que aparecem com uma percentagem muito baixa e não significativa. Mas as percentagens obtidas são insuficientes para entrar na composição da imagem ideal, que mostra a Tabela 4, pois são traços que obtiveram percentagem igual ou superior a 5.1% no total da amostra. É possível, portanto, concluir que os sujeitos da nossa amostra possuem estruturas cognitivas distintas para as imagens do brasileiro, e elas são tão diferentes que se torna desnecessária a realização de qualquer teste de hipótese. Os sujeitos, é possível também concluir, rejeitam a imagem real que têm do brasileiro.

A imagem ideal do brasileiro

Respeita e preserva a natureza, honesto, trabalhador, bem-educado, respeitador das leis, regulamentos e normas, disciplinado, politizado, sem preconceito racial, progressista e cultua o bom senso nas questões políticas são os dez traços psicossociais que obtiveram as maiores frequências na nossa amostra. Esta imagem ideal do brasileiro, como descrita na Tabela 4, é, em certo sentido, surpreendente nos seus resultados. Considerando o traço mais indicado — respeita e preserva a natureza 23.4% — vemos uma preocupação ecológica que parece ter se integrado na consciência do brasileiro. Observe-se que a pesquisa foi realizada nos anos de 1987 e 1988 quando ainda não havia sido decidido que o Brasil sediaria a Reunião Mundial sobre Ecologia em 1992. Não se pode, portanto, atribuir a qualquer efeito daquele evento a escolha deste traço. Considerando a totalidade dos traços, é possível inferir que a imagem ideal do brasileiro estaria muito distante da personalidade macunaímica, como próxima a um tipo conservador. Que comportamentos e atitudes se pode esperar de um sujeito que escolhe, como os oito primeiros traços psicossociais, respeitar e preservar a natureza, ser honesto, trabalhador, bem educado, disciplinado, respeitador das leis, regulamentos e normas e ser politizado e progressista?

Esta personalidade de tendências conservadoras está muito longe do radicalismo, do quixotismo e do utopismo. Talvez isto explique por que o brasileiro é avesso ao culto

de certas lideranças políticas, que, uma vez passadas, morrem com o seu criador. Foi isto, por exemplo, que aconteceu com Vargas, que aqui influenciou enquanto estava vivo e uma vez morto não despertou a idolatria que Perón despertou entre os argentinos. Tal atitude pragmática no trato com líderes políticos e as ideologias pode ser fundamentada no fato que nossa amostra valorizou o culto do bom senso nas questões políticas e o ser prático. Será por isso que o comunismo e o fascismo nunca deram certo no Brasil, mesmo na época em que as ideologias empolgavam as massas na Europa? O radicalismo e o quixotismo na vida política brasileira sempre ficou restrito a minorias, fossem elas intelectuais e/ou universitárias, ou às classes operárias quando manipuladas.

[Ver no final a tabela 4 e o respectivo gráfico 4]

Um dado muito curioso se refere à dimensão religiosa da imagem ideal do brasileiro e à lealdade aos laços familiares. Observa-se que ocorreu um acentuado decréscimo no traço religioso na imagem ideal do brasileiro quando comparada à real, isto é, de 19.4% para 8.5%), ou seja uma diminuição de 56%. Esta percentagem baixa e o fato de ocupar o décimo terceiro lugar no total evidencia, claramente, que está ocorrendo uma desvalorização desta dimensão na imagem ideal. Este fato deve ser considerado pelas religiões, sobretudo pela Igreja Católica, no processo de evangelização dos brasileiros neste final de século. Doutra parte registrou-se um pequeno aumento percentual (1.2%) no traço relativo à lealdade aos laços familiares. Mas se refletirmos sobre os traços que estão nos doze primeiros lugares, verificamos que eles se referem muito mais ao brasileiro como indivíduo do que ao brasileiro como ser social preocupado em manter instituições, no caso, as igrejas e a família.

A imagem ideal do brasileiro revelada pela pesquisa aponta para um modelo de homem que, se tem alguns traços do conservadorismo, não pode, no total, ser considerado como tal. Junto à desimportância dada à religião, a lealdade aos laços familiares ocupa uma percentagem muito baixa. Examinando as percentagens de cidades tão diferentes, desde a moderna Ribeirão Preto à tradicional e histórica São João del Rey, vemos que a amostra indicou este traço com uma freqüência baixíssima e surpreendentemente igual, isto é, 3.3%. Era de se esperar que os sujeitos de São João del Rey indicassem este traço com mais freqüência, e isto, como vemos, não aconteceu. Seria este dado um sinal inequívoco da crise da família no mundo moderno?

Finalmente é possível constatar que na imagem ideal do brasileiro aparecem, neste final do século XX, alguns traços apontados por alguns sociólogos do passado. Paradoxalmente ainda é possível, pela presença do traço “respeitador das leis, regulamentos e normas”, recolocar a famosa “afeição à ordem” que Affonso Celso tanto enalteceu no brasileiro do século passado quando escreveu o discutido e criticado *Por que me ufano do meu país*, em 1900.

De Fernando Azevedo e sua *A Cultura Brasileira* (1943) permanecem na imagem ideal do brasileiro traços como: o ser imaginativo e religioso, ainda que com um percentual muito baixo.

O reaparecimento desses traços psicossociais, que sempre foram objeto de irônica crítica da elite bem pensante e “progressista” pode-se ter muitas hipóteses explicati-

vas. A primeira se voltaria para este período da história brasileira, fim do século XX, quando o país vive sua crise mais radical. Crise nas instituições, na economia, na família, na Igreja, que levam cada brasileiro a um profundo mal-estar e ameaça seriamente a unidade nacional. Dentro deste caos em que passou a viver, o brasileiro se volta para estes valores que permitem o mínimo de ordenação da vida.

A segunda explicação, que não exclui a primeira e pode auxiliar na sua fundamentação, é que o retorno a valores como honestidade, trabalho, disciplina, respeito às leis, se deve ao fato que eles são universais e “valem” para qualquer povo e em qualquer época. Seriam supra-ideológicos, e somente a prática dos mesmos é que permitiria ao brasileiro continuar na corrida civilizatória sem ficar à margem da estrada. Seriam uma das mais preciosas heranças que recebemos da civilização judeu-greco-romana.

Alguns destes traços têm aparecido freqüentemente nas pesquisas que outros psicólogos sociais realizam desde a década de 30 sobre o americano, o alemão e o italiano. Traços como “progressista” e “prático” têm identificado o povo americano neste século XX. Já os traços “imaginativo” e “religioso” têm caracterizado o povo italiano. Finalmente, do povo alemão aparece o traço “persistente” que nossa amostra colocou na imagem ideal do brasileiro em décimo terceiro lugar.

Diferenças entre paulistas e mineiros nas imagens do brasileiro

Os gráficos de números 5 e 6 mostram que paulistas e mineiros têm, no geral, as imagens real e ideal do brasileiro bem semelhantes. Na imagem real foram observadas apenas duas inversões na ordem dos traços, e o mesmo número na imagem ideal. É possível também inferir que os paulistas têm uma estrutura cognitiva mais determinada com relação ao brasileiro do que os mineiros. Esta inferência se baseia na variação percentual dos traços entre os paulistas que é mais acentuada do que a variação na amostra de mineiros. Outro dado muito curioso se refere ao percentual da amostra que sempre foi superior às percentagens dos mineiros e sempre inferior à percentagem dos paulistas.

[Ver no final os gráficos 5 e 6]

A imagem real do brasileiro, tanto para paulistas como para os mineiros, é muito negativa. Ambos concordam que o traço “carnavalesco” é o dominante com 22.9% para os paulistas e 11.0% para os mineiros. Enquanto os paulistas indicam o traço “desejoso de posição e riqueza fáceis” em segundo lugar, com 16.3%, os mineiros colocam em segundo lugar o traço “supersticioso” com 8.2%, fazendo, portanto, uma inversão. Em terceiro lugar os paulistas indicam o brasileiro como “supersticioso” e os mineiros o “desejoso de posição e riqueza fáceis”. Os mineiros, seguindo, talvez uma tradição que já entrou no seu folclore, a de que são (ou foram) bons políticos, criticam a dimensão política do brasileiro relacionando em quarto lugar o traço “alienado politicamente”. Nos demais traços, os paulistas e mineiros não mostram discrepâncias na percepção do brasileiro.

Conclusão: o brasileiro em busca de uma nova imagem

Na década de 80, este pesquisador associado com outros colegas realizou uma série de pesquisas que consultou 2.392 brasileiros, de ambos os sexos, classes sociais e profissões, residentes em Ribeirão Preto, Jaú, Franca (SP) e São João del Rey e Lavras (MG) sobre a imagem do brasileiro. Partindo de uma proposta de Dante Moreira Leite, o estudo evoluiu na sua metodologia e permitiu ao seu autor fazer uma revisão da extensa literatura sobre identidade nacional e esboçar uma definição de "imagem nacional" e seu desdobramento nas imagens real e ideal. Ficou muito claro que o brasileiro parece possuir uma autoconsciência muito negativa da sua imagem e que busca a construção de uma outra imagem. A imagem real revelou uma curiosa evolução entre a pesquisa realizada entre 1982 e 1983 e a conduzida nos anos de 1987 e 1988. Parece, por exemplo, sepultada a imagem de um brasileiro "cordial" embora permaneça "hospitaleiro".

Paradoxalmente o brasileiro, segundo nossa amostra, possui os traços psicossociais de um homem típico de uma sociedade patriarcal, pois ele é visto como supersticioso, alienado politicamente, preguiçoso, paternalista, não valorizando o tempo, conjugado com a clássica imagem "macunaímica". Enfim, é ainda o brasileiro do país do samba e do futebol.

A anomia moral continua muito alta nas duas pesquisas, pois o brasileiro mantém o "desejo de posição e riqueza fáceis" como já descobrira Sérgio B. de Holanda, e, que foi atualizada pelo jogador de futebol, Gérson, na famosa Lei de Gérson: "Levar vantagem em tudo". Observou-se também um declínio dos percentuais atribuído ao traço "religioso", que cai de 40.4% na pesquisa de 1983 para 19.4% na imagem real e 8.5% na imagem ideal do brasileiro. O traço "religioso" aparece na imagem ideal ocupando um modesto décimo terceiro lugar.

Permanece a suspeita da existência de uma problemática racial nas duas pesquisas. Estes dados não são claramente confirmados por Aroldo Rodrigues na sua pesquisa "Preconceito Racial e Estereótipo Sexual no Brasil". É a questão racial uma questão que precisa ser melhor investigada em nosso país. Oficialmente o racismo não existe entre os brasileiros. E na prática? Fica a pergunta.

Estes estudos sugerem que o brasileiro desencadeou, no âmbito da sua consciência, um processo de mudança da sua imagem. Um novo homem brasileiro parece estar em formação na consciência de muitos brasileiros que não estão satisfeitos com a imagem real. Fatores de natureza social, política, econômica e espiritual poderão apressar ou retardar o aparecimento deste novo homem brasileiro. Mas este homem só poderá nascer na História a partir do momento em que o brasileiro de hoje buscar a solução, ainda que provisória, da crise universal que atingiu a identidade do próprio homem. Neste sentido é muito oportuno ver a análise que Lima Vaz faz do problema na sua *Antropologia Filosófica*, volume I, editado em 1991 (segunda edição 1992). O problema se torna, portanto, mais complexo e se desdobra em duas questões fundamentais. A primeira, o que é próprio do homem, seja ele americano, russo, japonês ou brasileiro? E, a segunda e última, o que é específico do homem brasileiro? A aproximação a estas questões pede que o brasileiro tenha chegado à idade da razão. Entramos no vasto e

complexo campo da Antropologia Filosófica. E como muito oportunamente escreveu Henrique Vaz: "A filosofia contemporânea inclina-se, desta sorte, a conceber o homem como um ser pluriversal, no sentido de que, na representação da sua situação em face da realidade opera-se uma inversão na direção dos vetores que circunscrevem o lugar ontológico do sujeito: para o Homem universal esses vetores convergem, segundo a metáfora da reflexão sujeito-realidade; do homem pluriversal esses vetores irradiam, segundo a modalidade da abertura do sujeito às várias regiões do ser que se oferecem ao seu conhecimento e à sua ação" (p. 141). Um problema que se coloca para os teóricos do homem brasileiro é como ele se abrirá ao "universal" sem perder sua singularidade. Ainda estamos muito longe do homem "católico". Justifica-se, portanto, que conclua este estudo pedindo aos antropólogos, sociólogos e psicólogos sociais que façam esta pergunta tão pertinente e encontrem, como encontrei nos limites da minha metodologia, uma resposta, ainda que provisória, à pergunta: "Quem é o brasileiro?"

Tabela 1

Distribuição percentual dos traços psicossociais atribuídos ao brasileiro numa amostra de 163 sujeitos da cidade de Ribeirão Preto, SP, em 1983.

TRAÇOS	Percentagem %		
	Concorda	Não Opina	Discorda
1. Gosta de piasdas picantes	95.7 *	2.4	1.8
2. Alegre	89.5 *	3.0	7.3
3. Desejoso de posição e riqueza fáceis	88.3 *	3.0	8.6
4. Hospitalheiro	79.7 *	11.6	8.4
5. Erótico	79.7 *	8.6	11.6
6. Gosto da ostentação	79.7 *	10.4	9.8
7. Barulhento	79.1 *	4.9	15.9
8. Imitador do estrangeiro	78.5 *	4.9	16.5
9. Acredita no sobrenatural	75.4 *	12.2	12.2
10. Tem complexo de refinamento	66.8 *	11.6	21.4
11. Cordial	75.4 *	6.1	14.4
12. Fatalista	73.0 *	11.6	15.3
13. Ansioso de subir a qualquer custo	77.9 *	6.7	15.3
14. Sádico quando está no poder e masoquista quando está por baixo	71.1 *	15.9	12.8
15. Tolerante	66.2 *	8.6	25.1
16. Imprevidente	65.0 *	14.1	20.8
17. Não valoriza o tempo	63.8 *	10.4	25.7
18. Respeitador das leis, regulamentos e normas	25.7	4.3	69.9 *
19. Como povo tem boa saúde	24.5	7.9	67.4 *
20. Disciplinado	28.2	8.5	63.1 *
21. Sem preconceito racial	34.9	4.9	60.1 *
22. Fiel aos princípios religiosos	40.4	11.0	48.4 *
23. Valoriza sua origem étnica (portuguesa, africana e indígena)	41.1	11.0	47.8
24. Supersticioso	63.1 *	17.1	19.6
25. Trabalhador	52.1 *	12.8	35.0
26. Patriota	51.5 *	9.2	30.2
27. Sem preconceito religioso	42.9	10.4	46.6
28. Pouco desenvolvido fisicamente	56.4 *	12.8	30.6
29. Personalista	52.7 *	14.1	33.1
30. Cultura sentimental ou misticamente a figura do pai	55.8 *	20.8	23.3
31. Individualista	68.1 *	9.8	22.0
32. Sua inteligência é mais ornamento e prenda	59.5 *	12.2	28.2
33. Aventureiro	74.2 *	7.3	18.4
34. Ordeiro, do ponto de vista legal	45.2	8.6	46.2
35. Personalista ou cultor da personalidade	44.1	12.8	42.9
36. Não tem hierarquia	52.1 *	12.2	35.6

Observação: As diferenças percentuais assinaladas com um (*) foram significativas segundo o teste I para proporção populacional para alfa = 0.05.

Gráfico 1

Percentagem obtida em 82 - Concordância

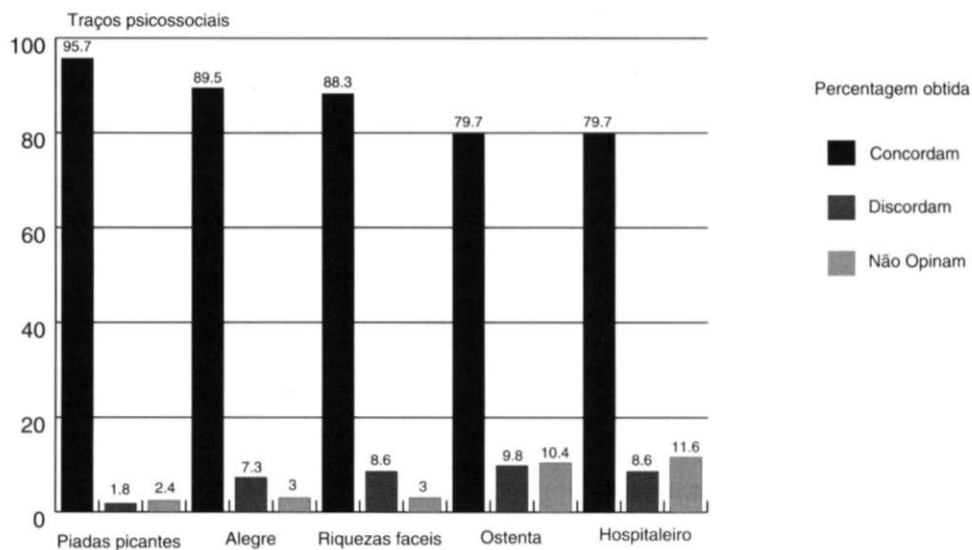


Gráfico 2

Percentagem obtida em 82 - Discordância

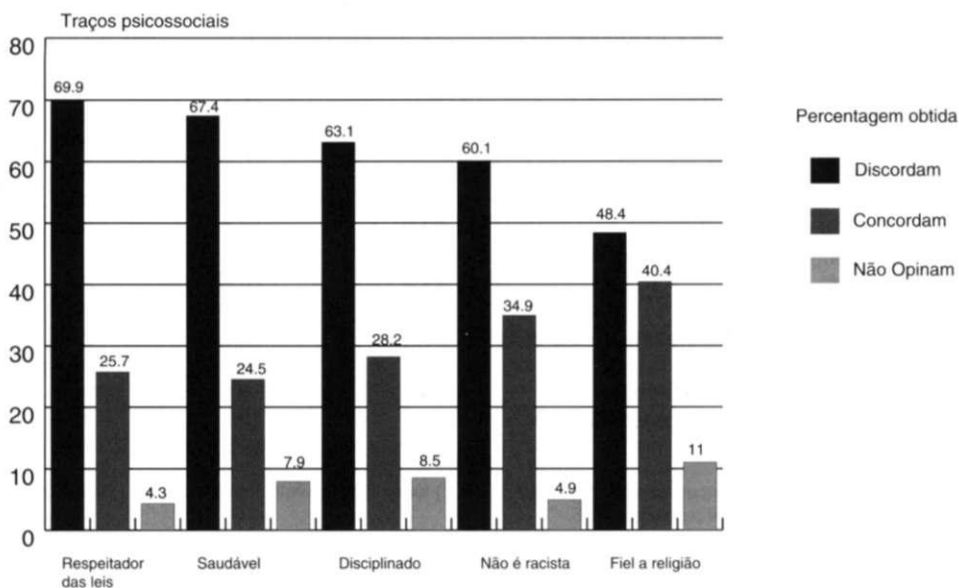


Tabela 2

Percentagem dos traços atribuídos ao brasileiro numa amostra de 482 sujeitos das cidades de Ribeirão Preto e Jaú do Estado de São Paulo no ano de 1983.

TRAÇOS	Ribeirão Preto %	Jaú %
Gilberto Freyre		
1. Animismo	63.1	63.8
2. Complexo de refinamento	66.8	61.3
3. Acredita no sobrenatural	75.4	76.3
4. Culto sentimental ou místico ao pai	55.8	55.4
5. Individualismo	68.1	68.9
6. Erótico	79.7	75.3
7. Gosto de ostentação	79.7	72.2
8. Gosto por piadas picantes	95.7	91.6
9. Sadismo no grupo dominante e masoquista no grupo dominado	71.1	68.5
Sérgio B. de Holanda		
1. Cordialidade	75.4	70.6
2. Individualismo	68.1	68.9
3. Inteligência como ornamento e prenda	59.5	52.1
4. Aventureiro	74.2	73.1
5. Desejo de posição e riqueza fáceis	88.3	87.4
6. Culto da personalidade	54.5	51.2
7. Falta de hierarquia	52.1	55.4

Observação: Os traços que não obtiveram percentagem superior a 50% não foram incluídos.
As diferenças percentuais entre as duas cidades não foram significativas para
nenhum dos traços segundo o teste para proporção populacional para $\alpha = 0.05$.

Quadro 1

Relação dos 87 traços psicossociais usados no questionário e arrolados em ordem alfabética

1. Acredita no sobrenatural
2. Alegre
3. Alienado do ponto de vista político
4. Amante das discussões
5. Ambicioso
6. Animista
7. Ansioso
8. Artístico
9. Astuto
10. Ateu
11. Aventureiro
12. Barulhento
13. Bem-educado
14. Carnavalesco
15. Comunista segundo o modelo soviético
16. Conservador
17. Cordial
18. Cruel
19. Cultua o bom senso nas questões políticas
20. Cultua sentimental ou misticamente a figura do pai
21. Como povo tem boa saúde
22. Dedicado ao trabalho
23. Democrata segundo o modelo americano
24. Desejoso de posição e riqueza fáceis
25. Disciplinado
26. Dissimulado
27. Desenvolvido fisicamente
28. Erótico
29. Esportista
30. Exalta-se com facilidade
31. Extremamente nacionalista
32. Fascista
33. Fiel aos princípios religiosos
34. Fatalista
35. Gosta de guerrear
36. Gosta de ostentação
37. Gosta de piadas picantes
38. Honesto
39. Hospitaleiro
40. Imaginativo
41. Imitador do estrangeiro
42. Impatriótico
43. Imprevidente
44. Improvisador
45. Impulsivo
46. Individualista
47. Leal aos laços familiares
48. Meditativo
49. Mercenário
50. Metódico
51. Musical
52. Não é um povo que leva as coisas a sério
53. Não respeita a hierarquia
54. Não valoriza o tempo
55. Naturalmente inclinado para as ciências
56. Paternalista
57. Patriota
58. Persistente
59. Personalista
60. Politizado
61. Pouco desenvolvido fisicamente
62. Prático
63. Preguiçoso
64. Progressista
65. Racista
66. Radical do ponto de vista político
67. Religioso
68. Reservado
69. Respeita e preserva a natureza
70. Respeitador das leis, regulamentos e normas
71. Sádico quando está no poder e masoquista quando está por baixo
72. Saudosista
73. Sem preconceito religioso
74. Sem preconceito racial
75. Sensual
76. Socialista
77. Subdesenvolvido
78. Supersticioso
79. Tradicionalista
80. Tem complexo de refinamento
81. Tem horror ao trabalho manual
82. Tem inteligência mais como ornamento e prenda
83. Tolerante
84. Trabalhador
85. Traíçoeiro
86. Triste
87. Valoriza sua origem étnica (portuguesa, africana e indígena)

TABELA 3

Percentagem dos 15 traços psicossociais mais freqüentemente atribuídos à IMAGEM REAL do brasileiro e seu reaparecimento na IMAGEM IDEAL numa amostra de 1.610 Ss. cidades de Ribeirão Preto e Franca (SP) e São João del Rei e Lavras (MG)

TRAÇOS	IMAGEM REAL EM %					IMAGEM IDEAL EM %
	R. Preto (927)	Franca (350)	Del Rei (111)	Lavras (222)	Total (1610)	Total (1610)
1. Carnavalesco	23.5	21.3	11.3	10.8	20.4	6.4
2. Desejos de posição e riqueza fáceis	18.9	9.4	4.2	9.9	14.6	-
3. Supersticioso	14.2	10.8	8.5	8.0	12.2	-
4. Imitador de estrangeiro	13.2	10.8	7.5	8.0	11.6	2.7
5. Alienado politicamente	13.7	5.2	10.9	8.5	10.9	1.2
6. Preguiçoso	12.3	8.5	4.7	8.5	10.4	-
7. Paternalista	11.8	7.5	9.0	5.2	9.8	2.4
8. Barulhento	10.4	9.0	4.2	5.2	9.0	1.7
9. Não valoriza o tempo	9.4	8.0	6.6	8.5	8.8	1.2
10. Gosta de piadas picantes	10.4	8.0	5.2	4.7	8.7	1.2
11. Acredita no sobrenatural	9.9	6.1	5.2	3.8	7.9	1.2
12. Não leva nada a sério	8.5	4.7	4.2	6.6	7.1	-
13. Esportista	5.6	14.6	1.9	2.4	6.9	16.8
14. Hospitaleiro	6.1	8.0	5.2	5.7	6.4	13.2
15. Exalta-se facilmente	7.1	5.7	3.8	4.7	6.2	1.2

Gráfico 3

Imagem real X ideal

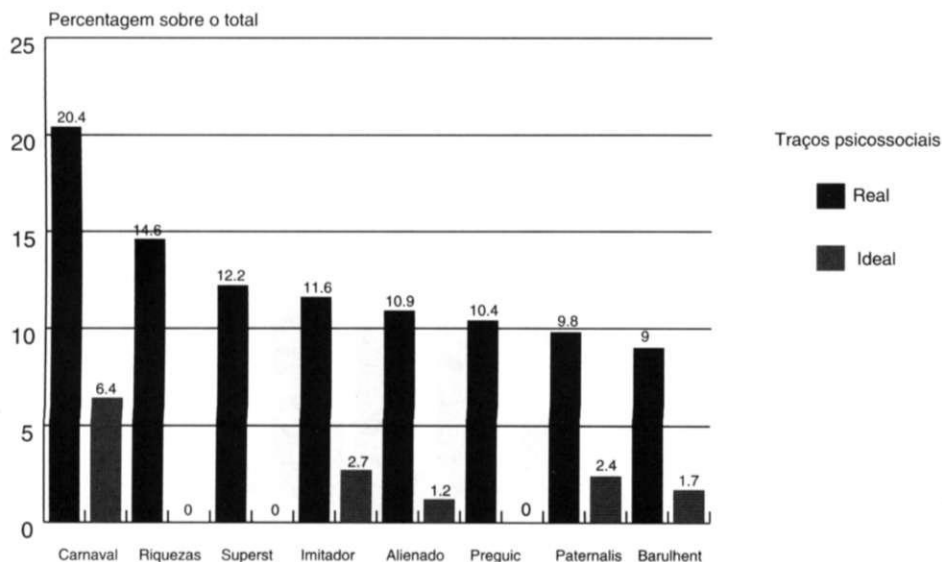


TABELA 4						
Percentagem dos 15 traços psicossociais mais frequentemente atribuídos à IMAGEM IDEAL do brasileiro e seu reaparecimento na IMAGEM REAL numa amostra de 1.610 Ss. cidades de Ribeirão Preto e Franca (SP) e São João del Rei e Lavras (MG)						
TRAÇOS	IMAGEM REAL EM %					IMAGEM IDEAL EM %
	R. Preto (927)	Franca (350)	Del Rei (111)	Lavras (222)	Total (1610)	Total (1610)
1. Respeita e preserva a natureza	27.4	20.8	12.3	16.0	23.4	3.9
2. Honesto	21.7	18.4	13.2	19.8	20.1	8.4
3. Trabalhador	24.1	14.6	9.9	16.0	19.9	11.7
4. Bem-educado	17.0	17.5	12.7	9.4	15.8	8.7
5. Disciplinado	19.8	9.9	7.1	9.0	15.3	1.8
6. Respeitador das leis, regulamentos e normas	13.2	17.9	5.7	10.8	13.4	2.7
7. Politizado	16.0	9.0	8.0	7.5	12.8	5.2
8. Progressista	15.1	9.4	5.7	6.1	12.0	2.9
9. Sem preconceito racial	9.9	10.5	10.4	7.5	9.8	5.2
10. Cultua o bom senso nas questões políticas	9.9	8.5	8.5	7.5	9.2	2.0
11. Prático	11.3	9.0	1.4	2.8	8.9	4.3
12. Persistente	9.0	7.5	5.2	6.1	8.6	3.1
13. Religioso	10.4	10.8	1.9	0.5	8.5	19.4
14. Imaginativo	6.1	5.2	4.7	7.5	6.0	8.0
15. Leal aos laços familiares	3.3	10.8	3.3	4.2	5.1	3.9

Gráfico 4

Imagem ideal X real

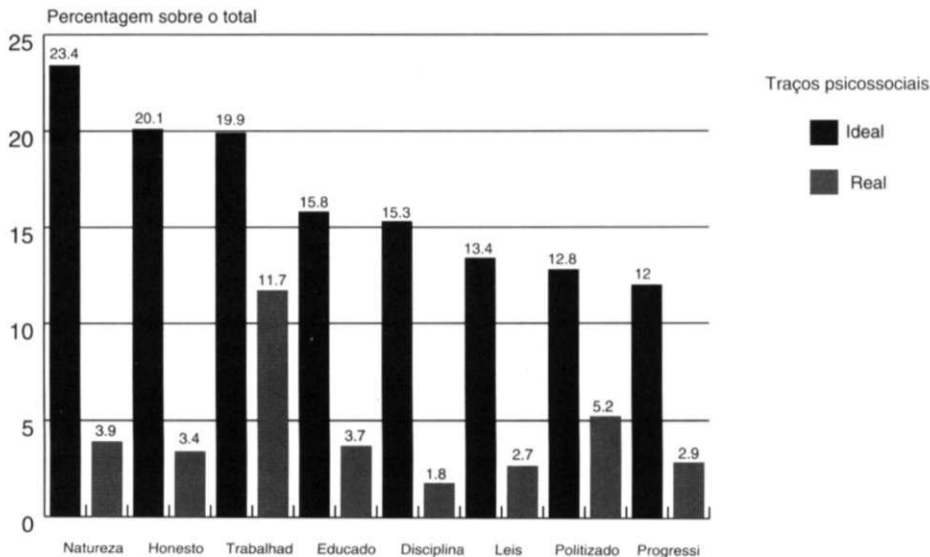


Gráfico 5

Imagem real em paulistas e mineiros

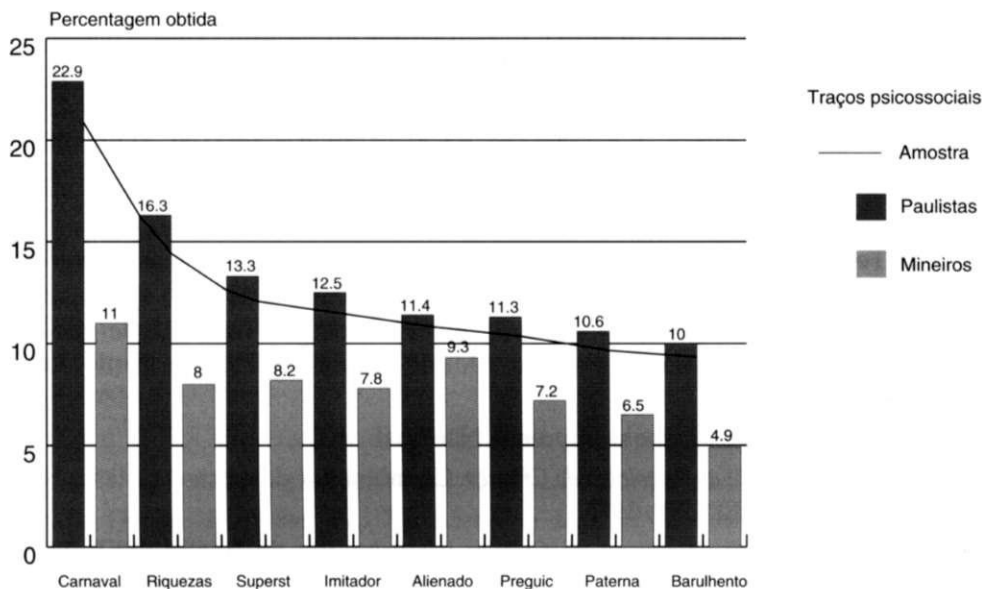
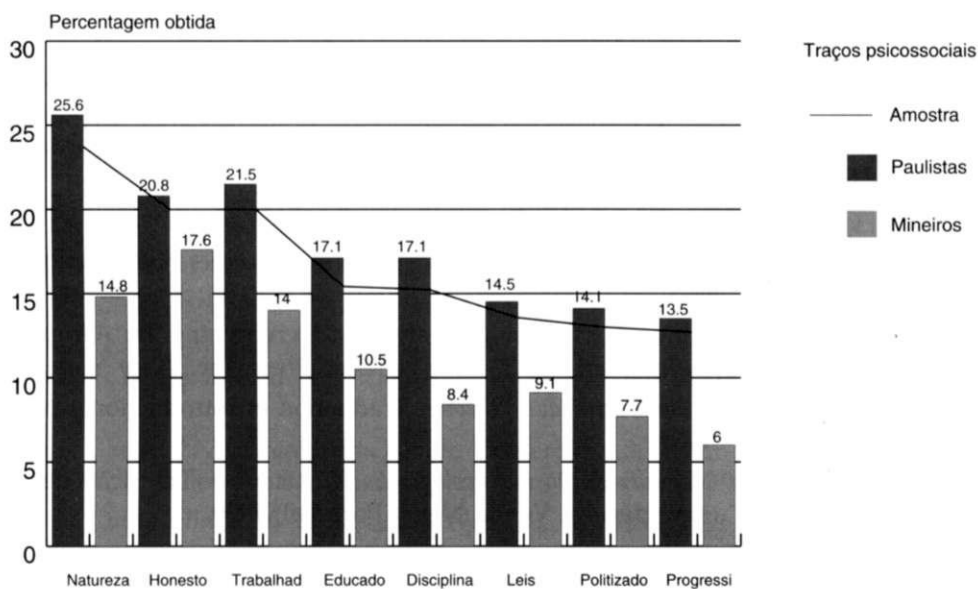


Gráfico 6

Imagem ideal em paulistas e mineiros



- ALMEIDA, A. R.; CANHOS, R. H., *Quem é o Brasileiro? Uma réplica comparativa em duas cidades paulistas (Ribeirão Preto e Jaú)*. Relatório Técnico (não publicado), 8 p., 1984.
- ALMEIDA, A. R.; MUCCILLO, G. e MELO, L. L., *Quem é o Brasileiro? Uma Exploração das Características levantadas por Gilberto Freyre e Sérgio B. de Holanda*. Anais da XIV Reunião Anual de Psicologia, Soc. de Psicologia de Ribeirão Preto, outubro, 1984, pp. 388-396.
- ANDRADE, C. D., *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 1983, pp. 72, 108, 487-491.
- ANDRADE, M., *Macunaíma: O herói sem nenhum caráter*. Ed. Crítica/Telê Porto Ancona Lopez (coord.). Paris, UNESCO, 1988.
- AQUINO, Tomas St.ST, 1 q.78 a.4. *Tratado do Homem*. Versão do Pe. Manuel Ubeda Purkiss, O.P., Ed. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1959.
- ARNOLD, W.; EYSENCK, H.J e MEILI, R., *Dicionário de Psicologia*. Tradução de José de Sá Porto, Gustav Roebelen, Gláucia Balleiro e Mário Garcia Guillén, São Paulo, Edições Loyola, 1982.
- CAMÕES, L., *Os Lusíadas*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1931.
- CARMICHAEL, L., *Manual de Psicologia da Criança*. Coordenador da edição brasileira Samuel F. Netto, São Paulo, EDUSP, 1975.
- CORBISIER, R., *Formação e Problema da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, ISEB, 1958.
- CUNHA, A.G., *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 1a. edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- DEBRET, J.B., *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet, Belo Horizonte, Ed.Itatiaia-EDUSP, 1978.
- DUFRENNE, M., *La Personalidad Basica: Um Concepto Sociologico*. Version castellana de Jorge Garcia Souza, Buenos Aires, Ed. Paidós, 1959.
- ERIKSON, E.H., *Identity, Youth and Crisis*. Londres, Mcgibbon and Kenn, 1965.
- EWBANK, T., *A Vida no Brasil ou Diário de uma Visita à Terra do Cacueiro e das Palmeiras*. Tradução de Jamim A. Hadad, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia-EDUSP, 1976.
- FINKIELKRAUT, A., *La Défaite de la Pensée*. Paris, Gallimard, 1987.
- FRAILE, G., *Historia de la Filosofia*. vol. II, Ed. BAC, Madrid, 1966.
- FROMM, E., *Escape from Freedom*. New York, Rinehart, 1941.
- GOMES, R., *Crítica da Razão Tupiniquim*. Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 1984⁷.
- GUERRA, M. J.; DONAIRE, D., *Estatística Indutiva: Teoria e Aplicações*., São Paulo, Liv. Ciência e Tecnologia, 1982².
- HAMILTON, D. L., *A Cognitive-Attributional Analysis of Stereotyping*. In: *Advances in Experimental Social Psychology*, vol. 12, 53-84, Academic Press, Inc., New York, 1979.
- HERDER, J. G., *Une Autre Philosophie de l'Histoire*. Traduction et Introduction par Max Rouché. Paris, Aubier, 1964.
- HIEBSCH, H.; VORWERG, M., *Introdução à Psicologia Social Marxista*. Tradução de João Alves Falcão, Novo Curso Editores, Venda Nova, Portugal, 1980.

- HORNEY, K., *Our Inner Conflicts*. New York, Norton, 1945.
- JONES, E., *Vida y Obra de S. Freud*. Versión castellana del Dr. Mario Carlisnku, Buenos Aires, Ed. Nova, vol. I e II, 1959.
- KARDINER, A.; LINTON, B.; DUBOIS, C. and WEST, J., *The Psychological Frontiers of Society*. New York, Columbia University Press, 1945.
- KARDINER, A., The concept of basic personality structure as an operational tool in the social science. In: Haring, Douglas, G. (Eds.), *Personal Character and Cultural Milieu*. Syracuse, Syracuse University Press, 1948, pp. 431-447.
- KATZ, D.; BRALY, K. W., Verbal Stereotypes and Racial Prejudice. In: *Basic Studies in Social Psychology*, Ed. by Proshansky and Seidenberg, Ed. Holt, Rinehart and Winston, USA, 1965.
- KLINEBERG, O., *Psicologia Social*. Trad. de Maria L. Silva, Jane B. Cruz e Olga Oliveira e Silva, Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1963².
- LEITE, D. M., *O Caráter Nacional Brasileiro*. Introdução de Alfredo Bosi, São Paulo, Pioneira, 1983⁴.
- LEVY-STRAUSS, C., *La Identidad*. Trad. M. Galmarini, Madrid, Ediciones Petrel, 1981.
- LIMA VAZ, H. C., *Antropologia Filosófica I*. São Paulo, Ed. Loyola, 1991 (2a. ed. 1992).
- LINTON, B.; DUBOIS, C., WEST, W., *The science of Man in the world crisis*. New York, Columbia University, 1945.
- LUKACS, G., *Histoire et Conscience de Classe*. Traduit par K. Axelos et J. Bois, Paris, Les Éditions de Minuit, 1960.
- LURIA, A. R., *Cognitive Development: Its Cultural and Social Foundations*. Translated by Martim Lopez and Lynn Solotaroff, Cambridge, Harvard University Press, USA, 1977.
- MARX, K. *O Manifesto Comunista de 1848*. Trad. de Regina Lúcia F. de Moraes e comentado por Harold J. Laski, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.
- MCDAVID, J. W.; HARARI, H., *Psychology and Social Behavior*. New York, Harper & Row, 1974.
- MONK, A., Crítica Psicológico-Social ao conceito de Caráter Nacional. In: *Sociologia*, Rio de Janeiro, Fondo de Cultura, 1963.
- MONTEIRO, M., *Ideologia, Alienación e Identidad Nacional*. Caracas, Ed. de la Biblioteca de la Universidad Venezuelana, 1984.
- MONTESQUIEU, C.L., *Do Espírito das Leis*. Introdução e Notas de Gonzague Truc. Trad. de Fernando H. Cardoso e Leôncio M. Rodrigues, 3a. ed., S. Paulo, Abril, 1985.
- MORAIS, A., *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. vol. II, Lisboa, Ed. Confluência, 1950¹⁰.
- MOTA, C. C., *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo, Ed. Atica, 1977.
- NEWCOMB, T. M., *Manual de Psicologia Social*, volumes I e II. Traducida de la 6a. reimpresión, 1956, por Ricardo E. Malfé, Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1961.
- ORTEGA Y GASSET, J., *Meditações do Quixote*. Comentário de Julian Marias. Trad. de Gilberto de Mello Kujawski, São Paulo, Livro Íbero Americano, 1967.
- ORTIZ, R., *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.

- PENNA, A. G., *Introdução à História da Psicologia Contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- PIAGET, J., Le développement, chez l'enfant de l'idée de Patrie et des relations avec l'étranger. In: *Bulletin International des Sciences Sociales*, Paris, UNESCO, 1951,3, 605-621.
- PINTO, A. V., *Consciência e Realidade Nacional*. vols. I e II, Rio de Janeiro, ISEB-MEC, 1960.
- PRAZERES, A., *Momentos de Minas*. São Paulo, Atica, 1984.
- SCHWARTZMANN, S., *Bases do Autoritarismo Brasileiro*. Brasília, Ed. da UnB, 1982.
- SPRANGER, E., *Formas de Vida: Psicologia entendida como Ciência do Espírito e Ética da Personalidade*. Trad. Guido de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- TOYMBEE, A. J., *Toynbee sobre Toynbee*. Colóquio entre A.J. Toynbee e G.R.Urban. Trad. Carmem Lídia R. Moura, Brasília, Ed. da UnB, 1981.
- VYGOTSKY, L. S., *A Formação Social da Mente*. Trad. de José C. Neto, Luis Silveira e Solange Afeche, S. Paulo, Martins Fontes, 1984.
- WISH, M.; DEUTSCH, M., BIENER, L., Differences in Perceived Similarity of Nations. In: *Multidimensional Scaling*, vol. II, New York, Seminar Press, 1972. ADORNO, T.W. "Sobre la pregunta Qué es Alemán?" *Liberal*, 8, 1965, pp. 470-480.

Endereço do autor:

Alameda Sosthenes Guimarães, 755
38402-295 — Uberlândia — MG